

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
COLEGIADO DE JORNALISMO

LUCCA BERNARD HOELZLE LOBO

**A NBA COMO ESPAÇO DE LUTA: ESTRATÉGIAS ATIVISTAS DOS  
JOGADORES NAS ENTREVISTAS COLETIVAS**

Monografia

Mariana  
2023

LUCCA BERNARD HOELZLE LOBO

**A NBA COMO ESPAÇO DE LUTA: ESTRATÉGIAS ATIVISTAS DOS  
JOGADORES NAS ENTREVISTAS COLETIVAS**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da  
Universidade Federal de Ouro Preto como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Marcelo Freire Pereira de Souza

Mariana  
2023

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

L799n Lobo, Lucca Bernard Hoelzle.  
A NBA como espaço de luta [manuscrito]: estratégias ativistas dos jogadores nas entrevistas coletivas. / Lucca Bernard Hoelzle Lobo. - 2023. 75 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. National Basketball Association. 2. Basquetebol. 3. Esportes - Aspectos sociológicos. 4. Movimentos sociais. 5. Violência policial. I. Souza, Marcelo Freire Pereira de. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 323.4(73)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Lucca Bernard Hoelzle Lobo**

### **A NBA como espaço de luta: estratégias ativistas nos discursos dos jogadores**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 1 de setembro de 2023

#### Membros da banca

Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Profa Dra. Debora Cristina Lopez - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof. Dr. Carlos Jáuregui - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/09/2023



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Freire Pereira de Souza, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/09/2023, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0593923** e o código CRC **771F42C7**.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as bênçãos e por sempre iluminar meu caminho. Aos meus pais, Leonardo e Mariléia, pelo amor incondicional, suporte, compreensão, e por fazer o possível e o impossível para que eu pudesse transformar esse sonho em realidade. Vocês são a minha maior força e a principal inspiração.

A todos os professores e funcionários da UFOP, por todos os serviços prestados e pelos esforços para garantir o ensino público de qualidade. Em especial ao professor Marcelo Freire, meu orientador, por toda a ajuda durante o processo de desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

À Assessoria de Comunicação Institucional (ACI), onde pude viver experiências incríveis e recebi oportunidades pelas quais sempre serei grato. Um agradecimento especial a Rondon, Patrícia e Lígia.

Às minhas famílias Hoelzle e Lobo, por todo amor e ensinamentos. Aos amigos do Jornalismo, que ajudaram a tornar essa caminhada mais leve e prazerosa. Aos amigos de Lafaiete, em especial aos meus irmãos de outra mãe, Gabriel e Davi. À Izabella, por todo o carinho, apoio e paciência.

À gloriosa República Área 51, lugar que me acolheu em Ouro Preto e onde descobri conexões tão fortes quanto as de sangue. A cada morador e ex-aluno, pela convivência diária, pela troca de aprendizados e por produzirem tantos momentos inesquecíveis nessa trajetória.

Por fim, à cidade de Ouro Preto, lugar encantador e indescritível, onde tive o prazer de viver os melhores anos da minha vida. Espero um dia retribuir todas as coisas boas que me proporcionou.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar as estratégias acionadas por LeBron James e Jaylen Brown, jogadores profissionais de basquete, que atuam na National Basketball Association (NBA), em entrevistas coletivas realizadas após partidas da liga no ano de 2020, sobre questões sociais relacionadas ao racismo e seus desdobramentos, como a violência policial. A título de contextualização, levou-se em consideração o momento político vivido nos Estados Unidos, com os diversos casos de assassinatos de cidadãos afro-americanos por parte da polícia, e a ascensão do movimento Black Lives Matter, mundialmente reconhecido como um instrumento de luta pela igualdade e pelos direitos da população negra. Para viabilizar a análise, foram selecionadas seis entrevistas coletivas, sendo três de cada jogador, concedidas entre os meses de julho e setembro de 2020. A partir deste material, buscou-se realizar uma seleção de temáticas a serem consideradas em cada uma das ocasiões, para que fosse possível compreender os recursos mobilizados pelos atletas em suas declarações, se são capazes de reverberar as preocupações coletivas do grupo que buscavam representar e de transformar as coletivas pós-jogo, espaço tradicionalmente voltado às discussões estritamente esportivas, em uma plataforma de manifestação ativista.

**Palavras-chave:** Basquete; Ativismo; Esporte; NBA; Violência policial;

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze the strategies used by LeBron James and Jaylen Brown, professional basketball players, who plays in the National Basketball Association (NBA), in press conferences held after league matches in 2020, on social issues related to the racism and its consequences, such as police violence. By way of contextualization, the work took into account the vivid political moment in the United States, with the several cases of murders of African-American citizens by the police, and the rise of the Black Lives Matter movement, recognized worldwide as an fighting instrument for equality and for the rights of the black population. To enable the analysis, six interviews were selected, three from each player, those who happened between the months of July and September 2020. Based on this material, we sought to make a selection of themes to be considered in each of the occasions, to that it was possible to understand the resources mobilized by the athletes in their statements, whether they are capable of reverberating the collective concerns of the group they sought to represent and transforming the post-game press conferences, a space which is traditionally marked by sports debates only,, into a platform for activist dialogue.

**Key words:** Basketball; Activism; Sports; NBA; Police violence;

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. ATIVISMO NEGRO NOS EUA: A LUTA DENTRO E FORA DO ESPORTE.....</b>	<b>11</b>
2.1. DO CIVIL RIGHTS MOVEMENT AO BLACK LIVES MATTER.....	11
2.2. AS INSTITUIÇÕES DE DESPOLITIZAÇÃO NO ESPORTE.....	13
2.3. BLACK LIVES MATTER E AS MANIFESTAÇÕES NO CAMPO ESPORTIVO.....	16
<b>3. O ECOSISTEMA DA NBA.....</b>	<b>18</b>
3.1. DESEQUILÍBRIO NA PIRÂMIDE ESTRUTURAL.....	18
3.2. CONTEXTO DO ATIVISMO NA NBA.....	19
3.3. MILITÂNCIA OU ESTRATÉGIA DE MARKETING.....	22
<b>4 ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO DOS JOGADORES.....</b>	<b>26</b>
4.1. O CONTEXTO DA BOLHA DA NBA EM 2020”.....	27
4.2. “O NOVO PAPEL DO JOGADOR ATIVISTA”.....	33
4.3. “LEBRON JAMES”.....	36
4.4. “JAYLEN BROWN”.....	40
4.5. “CÓRPUS DE ANÁLISE”.....	44
4.5.1. Entrevista Coletiva de LeBron James realizada em 24/07/2020.....	44
4.5.2. Entrevista Coletiva de LeBron James realizada em 03/08/2020.....	46
4.5.3. Entrevista Coletiva de LeBron James realizada em 24/08/2020.....	47
4.5.4. Entrevista Coletiva de Jaylen Brown realizada em 28/07/2020.....	49
4.5.5. Entrevista Coletiva de Jaylen Brown realizada em 17/09/2020.....	51
4.5.6. Entrevista Coletiva de Jaylen Brown realizada em 24/09/2020.....	52
4.6. “FORMAÇÃO COMO HOMENS NEGROS E CONSCIÊNCIA DE CLASSE”.....	53
4.7. “INCENTIVO AO VOTO COMO AÇÃO TRANSFORMADORA”.....	57
4.8. “PERSPECTIVAS COMPLEMENTARES NA ABORDAGEM DO PROBLEMA”.....	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>



## **LISTA DE QUADROS**

<b>QUADRO 1:</b> Classificação de temáticas na entrevista de LeBron James em 24/07/2020.....	46
<b>QUADRO 2:</b> Classificação de temáticas na entrevista de LeBron James em 03/08/2020.....	47
<b>QUADRO 3:</b> Classificação de temáticas na entrevista de LeBron James em 24/08/2020.....	49
<b>QUADRO 4:</b> Classificação de temáticas na entrevista de Jaylen Brown em 28/07/2020.....	51
<b>QUADRO 5:</b> Classificação de temáticas na entrevista de Jaylen Brown em 17/09/2020.....	52
<b>QUADRO 6:</b> Classificação de temáticas na entrevista de Jaylen Brown em 24/09/2020.....	53

## 1. INTRODUÇÃO

Assim como ocorre no Brasil, atletas profissionais dos Estados Unidos também sofrem críticas frequentes por assumirem (ou não) determinados posicionamentos políticos. No entanto, durante o ano de 2020, marcado por diversos casos de violência policial direcionada à população afro-americana no país, diversos atletas de diferentes esportes se manifestaram a favor do fim da violência, do voto e da reformulação direta do sistema político estadunidense.

O foco do trabalho são os jogadores da National Basketball Association (NBA), a liga profissional de basquete dos Estados Unidos, e maior segmento do esporte no mundo. Diversos atletas se posicionaram, e as ações puderam ser vistas até mesmo durante os jogos. Em 2020, ano das últimas eleições presidenciais do país, o torneio foi interrompido em março, por conta da pandemia do Covid-19, sendo retomado em julho<sup>1</sup>, com os jogadores concentrados nos complexos da empresa Disney, em Orlando, na Flórida.

Os jogos aconteciam em ginásio fechado, sem a presença de público, e eram transmitidos não apenas para todo o território estadunidense, como também para a maioria das nações. Como podemos observar através de Williams (2021), em diversas partidas, os jogadores entraram em quadra com mensagens que repudiavam a violência policial, demandavam justiça e incentivavam o voto. Os movimentos se intensificaram principalmente após o caso de George Floyd, homem negro assassinado brutalmente pela polícia estadunidense, em 25 de maio de 2020. Jogadores como Malcolm Brogdon, Jaylen Brown<sup>2</sup> comandaram manifestações de rua, apoiando movimentos como o Black Lives Matter, que ganhara ainda mais força no país depois do acontecimento em questão. Outros, como LeBron James<sup>3</sup>, utilizaram as redes sociais, em especial o Twitter, para vociferar suas indignações diante das injustiças presentes no sistema político do país, em especial diante do histórico de violência e subjugamento da população afro-americana dos Estados Unidos.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://www.espn.com/nba/story/\\_/id/30055011/everything-happened-nba-bubble](https://www.espn.com/nba/story/_/id/30055011/everything-happened-nba-bubble)>

<sup>2</sup> Disponível em:  
<[https://www.espn.com.br/nba/artigo/\\_/id/7010167/jaylen-brown-malcolm-brogdon-juntos-nba-milhoes-unidos-ruas-protestos-eua](https://www.espn.com.br/nba/artigo/_/id/7010167/jaylen-brown-malcolm-brogdon-juntos-nba-milhoes-unidos-ruas-protestos-eua)>

<sup>3</sup> Disponível em:  
<<https://www.latimes.com/sports/story/2020-05-31/nba-players-lebron-james-michael-jordan-statement-racial-injustice-george-floyd-death>>

A situação, que já era de tensão recorrente, atingiu seu ápice no dia 26 de agosto do mesmo ano, quando jogadores do Milwaukee Bucks se recusaram a entrar em quadra para disputar uma partida contra o Orlando Magic, válida pela primeira rodada dos playoffs, por conta do caso de Jacob Blake, homem negro de 29 anos, alvo de sete tiros disparados por policial em Kenosha, no Wisconsin, estado de origem dos Bucks. Segundo Williams (2021), o episódio caracterizou a primeira vez em que atletas da NBA entraram em greve motivados por questões sociais, já que tal situação só havia ocorrido como táticas de negociação em acordos de trabalho por parte dos jogadores.

Parte de um mercado que movimenta bilhões de dólares ano após ano, os jogadores possuem grande alcance midiático, contando, em sua maioria, com diversos seguidores em redes sociais, e ocupando espaços de destaque na TV e na internet, os maiores veículos midiáticos do planeta. Por tal motivo, é relevante analisar os discursos e as manifestações desses atletas diante de problemas sociais explícitos, contrariando rótulos de que atletas são, por vezes, alheios à realidade social do país.

Segundo o The Athletic<sup>4</sup>, os jogos realizados na bolha atingiram uma média de 3,4 milhões de espectadores, apenas em território estadunidense, entre transmissões feitas por canais de televisão - especializados em esportes ou não - e a própria rede de transmissão audiovisual da National Basketball Association (NBA).

Como objeto de pesquisa, foram selecionadas seis entrevistas coletivas concedidas por dois jogadores específicos (LeBron James e Jaylen Brown), entendendo suas respectivas trajetórias como profissionais de basquete, e a posição de destaque ocupada por cada um na sociedade, sendo dois homens negros que conquistaram, através do esporte, ascensão social e financeiras. Isto posto, o presente trabalho busca entender as estratégias mobilizadas por cada um para demonstrar apoio aos movimentos sociais que lutam pelos direitos civis da população negra.

Como modo de viabilizar a análise, o caminho metodológico escolhido foi o da análise de conteúdo qualitativa. Seguindo as definições de Bardin (2011), o processo será dividido, a princípio, em três etapas principais: organização, codificação e categorização.

Na organização, foram definidos os materiais a serem utilizados. Já no processo de codificação, a unidade de registro designada compreende os tópicos selecionados nas declarações

---

<sup>4</sup> Disponível em:  
<<https://theathletic.com/2696427/2021/07/08/nba-finals-game-1-tv-ratings/#:~:text=The%20entire%202020%20NBA%20%E2%80%9Cbubble,fall%20from%202019's%204.83%20million.>>

proferidas pelos jogadores durante as entrevistas, abrangendo temas que abordam como violência policial, voto, justiça, racismo e sistema. Paralelamente, também foram incluídos temas estritamente associados à prática do basquete. A opção de adotar as temáticas como unidade de registro foi ancorada no próprio contexto de realização das entrevistas. Estas foram realizadas invariavelmente após partidas, nas quais os jogadores em análise participaram ativamente. Consequentemente, a comparação entre as temáticas possibilita a compreensão sobre o tempo da entrevista dedicado às discussões sociopolíticas, mas também para identificar o momento em que os aspectos relativos às competições esportivas emergiram como elementos centrais nas interações dialógicas.

Após a conclusão dos procedimentos supracitados, espera-se compreender as estratégias escolhidas pelos jogadores para repercutir as manifestações relacionadas às desigualdades e reforçar pontos relevantes levantados por movimentos engajados na busca por melhorias sociais destinadas à população afro-americana nos Estados Unidos. O trabalho também procura elucidar quais pontos são recorrentes nas declarações dos jogadores, assim como as diferenças presentes nas abordagens discursivas adotadas pelos mesmos.

## **2. ATIVISMO NEGRO NOS EUA: A LUTA DENTRO E FORA DO ESPORTE**

O presente capítulo tem como objetivo contextualizar a participação da população afro-americana na contínua luta pela igualdade ao longo da história nos Estados Unidos. Para tal, a estratégia adotada compreende a exposição de alguns percursos históricos que delineiam a evolução da busca pelos direitos sociais no panorama norte-americano. Adicionalmente, buscamos estabelecer uma abordagem análoga, porém com um enfoque específico, que se direciona ao domínio esportivo. Essa perspectiva visa destacar as correlações entre as atividades esportivas e as questões sociopolíticas.

Dessa forma, vale ressaltar que o segmento desempenha um papel de extrema relevância para compreendermos as particularidades dos processos institucionais e do cenário político norte-americano sobre as problemáticas raciais. Ademais, o capítulo busca elucidar essas nuances no cenário dos esportes organizados. A partir dessa contextualização, será possível conceber uma maior compreensão mais abrangente sobre os processos que culminaram no estado atual das dimensões citadas anteriormente.

### **2.1. DO CIVIL RIGHTS MOVEMENT AO BLACK LIVES MATTER**

O Civil Rights Movement, ou, em português, Movimento dos Direitos Civis, foi um marco histórico da luta antirracista nos Estados Unidos. Oficialmente iniciado em 1954, foi o primeiro grande esforço coletivo da população afro-americana para combater as injustiças sociais e a violência direcionada aos negros depois da lei que aboliu a escravidão no país, sancionada em 1865.

As manifestações ganharam força no advento da década de 60, através da resistência pacífica e não violenta, inspirados por jovens estudantes universitários, que mobilizavam encontros em diferentes instituições de ensino superior. Para Clayton (2018), esses estudantes tiveram papel fundamental na realização de eventos que precederam a aprovação da Lei dos Direitos Civis (1964).

Segundo o governo estadunidense, a lei em questão consiste na proibição da discriminação com base em raça, cor, religião, sexo ou nacionalidade. A renovação da legislação acabaria com as leis da segregação racial (Loevy, 1997), que determinava a separação racial em escolas, tribunais, ônibus, entre outras esferas, especialmente nos estados do sul do país.

Cinquenta anos separaram o fim do Civil Right Movement e o surgimento do Black Lives Matter, em 2015. Nesse percurso, apesar das notórias conquistas do movimento dos direitos civis nas esferas social e jurídica, os reflexos da escravidão e da segregação nas instituições continuavam marginalizando a população afro-americana. Como define Sílvia Almeida em *Racismo Estrutural*:

A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. (ALMEIDA, 2018)

Mesmo com a ausência de um movimento organizado durante esse período, alguns casos de repressão e violência geraram revolta por parte da população negra nos Estados Unidos. Talvez o mais exemplar tenha sido o de Rodney King, homem negro espancado pela polícia em 1992. Na ocasião, King foi abordado ainda em seu carro, e brutalmente espancado por policiais, em uma ação totalmente desproporcional.

O episódio, como apresentado nos estudos de Lasley (1994), foi filmado e a repercussão das imagens causaram a ira de diversas pessoas, que foram às ruas reivindicar justiça e igualdade social, nas manifestações que ficaram popularmente conhecidas como ‘distúrbios de Los Angeles’, em um dos casos mais relevantes para o tensionamento das relações entre polícia e comunidade afro-americana.

A situação em questão denotava um problema social que permanece latente nos Estados Unidos: a violência institucional por parte do poder executivo, fruto das questões raciais que já fazem parte do país desde sua fundação. Como podemos observar através de Almeida:

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito isso de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2020)

Vinte anos depois do caso Rodney King, mais um episódio de violência contra um jovem negro foi base para a criação de um novo movimento: o assassinato de Trayvon Martin, de 17 anos foi, de certa forma, o estopim que originou o surgimento do Black Lives Matter. Martin foi morto por George Zimmerman, homem branco que trabalhava voluntariamente como vigia em um bairro da cidade de Sanford, na Flórida.

Martin estava a caminho da casa de seu pai quando foi abordado por Zimmerman, que, contrariando a ordem de um policial, confrontou e disparou contra o jovem, que estava

desarmado. Zimmerman foi preso e, conseqüentemente, denunciado. No entanto, foi absolvido pela justiça ao alegar que “se sentiu ameaçado” por Martin<sup>5</sup>.

Como explica Clayton (2018), o resultado do julgamento de Zimmermann gerou um desabafo por parte de Alicia Garza, mulher negra, em seu perfil no Facebook. O post publicado por ela terminava com as palavras “Black people, I love you. I love us. Our lives matter” (Povo negro, eu amo vocês. Nossas vidas importam). A partir do desabafo, Patrisse Cullors, amiga próxima de Alicia, compartilhou a postagem e incluiu a hashtag “blacklivesmatter” (vidas negras importam).

Os primeiros passos da campanha foram dados por Garza e Cullors, que introduziram as hashtags nas plataformas do Facebook e Twitter, marcando o modesto início do movimento. No entanto, foi em 2014 que a campanha alcançou notoriedade, após o trágico incidente em que Michael Brown, jovem afro-americano de 18 anos, foi fatalmente baleado por Darren Wilson, policial de etnia branca, na cidade de Ferguson, Missouri. A morte de Brown serviu como catalisador, levando o já estabelecido movimento Black Lives Matter a coordenar as chamadas “Freedom Rides” (Jornadas pela liberdade), um eco do Civil Right Movement, mobilizando manifestantes em mais de 18 cidades dos Estados Unidos. Apesar da natureza pacífica, os protestos foram violentamente reprimidos pela polícia em algumas localidades.

Atualmente, o movimento conta com mais de 4.800.000 seguidores nas redes sociais, e, segundo um dos sites oficiais do movimento, com 12 campanhas ativas<sup>6</sup> para reduzir a violência policial nos Estados Unidos e garantir igualdade e justiça à população afro-americana. Ainda de acordo com a página oficial, os objetivos do movimento são “erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência inflingida às comunidades negras pelo estado e por vigilantes”<sup>7</sup>.

## 2.2. AS INSTITUIÇÕES DE DESPOLITIZAÇÃO DO ESPORTE

Historicamente, podemos observar, por parte de instituições responsáveis pela organização de grandes eventos esportivos, esforços na direção de uma construção social que trata o esporte como uma prática que se situa fora das discussões de uma sociedade política,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2022/02/trayvon-martin-10-anos-do-assassinato-que-originou-o-black-lives-matters.html>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://campaignzero.org/campaigns/>

<sup>7</sup> Original disponível em: <https://blacklivesmatter.com/about/> (acesso em 20/06/2023)

priorizando assim seu aspecto competitivo, e visando restringir o interesse apenas à disputa física, aos resultados obtidos no espaço dos jogos.

Para Coakley (2011), a ascensão e consolidação do capitalismo e do neoliberalismo como ideologias políticas dominantes, especialmente no ocidente, ajudou a perpetuar essa estratégia. Podemos tomar como exemplo os dois eventos esportivos de maior visibilidade ao redor do mundo: os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol.

Organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), a Copa do Mundo tem, em seu regulamento, um artigo<sup>8</sup> que define a proibição de manifestações políticas ou religiosas por jogadores, treinadores e árbitros. Atletas que ignoraram a limitação imposta pela entidade sofreram punições.

O exemplo mais recente aconteceu na edição de 2018 do torneio, disputada na Rússia. Em uma partida entre Suíça e Sérvia, os jogadores suíços Xherdan Shaqiri e Granit Xhaka, comemoraram seus gols fazendo um gesto com as mãos que simulava uma águia, principal símbolo da bandeira da Albânia, país de origem de ambos. A atitude foi encarada como uma provocação aos sérvios, que mantêm tensões geopolíticas com os albaneses, especialmente nas disputas pelo território de Kosovo. Os jogadores foram multados pela FIFA em €10.000 cada<sup>9</sup>.

Assim como ocorre na Copa do Mundo, o regulamento dos Jogos Olímpicos, ainda nos dias atuais, também prevê a proibição de manifestações políticas e religiosas de qualquer natureza. Em 2021, ano da realização do evento pela última vez, em Tóquio, foram vetadas faixas, cartazes e determinados gestos<sup>10</sup>.

Entretanto, apesar dos esforços supracitados, as tentativas de neutralizar manifestações de ativismo político naturalmente esbarram nas contradições da própria maneira como o esporte é encarado no sistema capitalista, em especial no seu aspecto mercadológico. Para Jacob (2020), como os esportes representam mais um objeto a ser explorado pelo capitalismo, ao passo em que

---

<sup>8</sup> Disponível em:  
[https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/11/21/vaia-bracadeira-e-protestos-fifa-perde-batalha-e-politica-entra-na-copa.htm#:~:text=Fifa%20pro%C3%ADbe%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20pol%C3%ADticas&text=A%20entidade%20pode%20colocar%20em,e%20t%C3%A9nicos\)%20%C3%A9%20proibida%22](https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/11/21/vaia-bracadeira-e-protestos-fifa-perde-batalha-e-politica-entra-na-copa.htm#:~:text=Fifa%20pro%C3%ADbe%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20pol%C3%ADticas&text=A%20entidade%20pode%20colocar%20em,e%20t%C3%A9nicos)%20%C3%A9%20proibida%22).

<sup>9</sup> Disponível em:  
<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/fifa-multa-jogadores-suicos-alem-de-tecnico-e-presidente-da-federacao-servia.ghtml>

<sup>10</sup> Disponível em:  
<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/01/10/comite-olimpico-proibe-manifestacoes-politicas-nos-jogos-de-toquio.htm>



recebe investimentos do mesmo, acabam se tornando automaticamente uma questão política. Ainda segundo Jacob (2020), a proposta de despolitização dos esportes pretendem proteger os interesses capitalistas de políticos e investidores que estão frequentemente envolvidos nessa exploração.

As manifestações de atletas datam dos mais distantes anos, desde o surgimento de competições esportivas organizadas por federações. Diversos competidores escreveram seus nomes na história ao desafiar o poder de instituições e denunciar injustiças nos maiores palcos esportivos do mundo, reivindicando, de diferentes formas, mudanças sociais e melhores condições de vida para seus povos.

Um dos primeiros casos de notoriedade do ativismo negro nos esportes foi o de Jesse Owens, que desafiou, nas pistas de atletismo, o regime nazista na Alemanha, durante os jogos olímpicos de 1936. Ao longo das décadas seguintes, atletas de diferentes modalidades escolheram se posicionar diante dos problemas enfrentados pela população afro-americana na sociedade. Na década de 1940, Jack Robinson se tornou o primeiro jogador negro a atuar na Major League Baseball (MLB), liga profissional de beisebol dos Estados Unidos.

Muhammad Ali, um dos maiores boxeadores da história, seguiu o mesmo caminho, quando recusou uma admissão no exército estadunidense em 1967, criticando avidamente o posicionamento político do país em relação à guerra do Vietnã. A atitude rendeu represálias das instituições de despolitização. Ali teve seu título de campeão dos pesos pesados retirado e foi banido do esporte por três anos.

Um ano depois, Tommie Smith e John Carlos protagonizaram um momento de manifestação nos Jogos Olímpicos de 1968, disputados na Cidade do México. Vencedor e terceiro colocado, respectivamente, da prova de 200 metros do atletismo, ergueram os punhos na cerimônia da entrega das medalhas, ao som do hino dos Estados Unidos, demonstrando apoio ao movimento negro no país, na esteira do sucesso recente do Movimento dos Direitos Civis.

Como destaca Williams (2020), os atletas em questão foram pioneiros no fim da segregação racial no campo do esporte coletivo nos Estados Unidos. São exemplos de competidores que utilizaram a potente plataforma proporcionada pelo esporte de alto rendimento como instrumento de luta, como podemos observar a partir de Jacob em *Sports and Politics*:

Como o esporte constitui uma indústria altamente dinâmica que reúne corpo, mente, práticas sociais, capitalismo, entretenimento e política em um ambiente de alta pressão, com quantidade significativa de atenção do público, ele cristaliza e inicia debates sobre

questões políticas mais rapidamente e mais cedo que a maioria das outras áreas profissionais. (JACOB, 2020)

### 2.3. BLACK LIVES MATTER E AS MANIFESTAÇÕES NO CAMPO ESPORTIVO

A ascensão do movimento Black Lives Matter foi acompanhada por novas manifestações também por parte de atletas em todo o mundo. Inicialmente, os protestos seguiram a lógica histórica de casos anteriores no cenário dos esportes organizados, acontecendo, predominantemente, de maneira individual.

Como destaca Jacob (2020), o caso de maior repercussão foi o de Colin Kaepernick, jogador negro de futebol americano. Em agosto de 2016, Kaepernick permaneceu sentado no banco de reservas do San Francisco 49ers, equipe que defendia, durante a execução do hino dos Estados Unidos. Na ocasião, o atleta já demonstrava sua indignação diante da opressão enfrentada pela população afro-americana no país. Contudo, o momento mais icônico aconteceu em 1º de setembro do mesmo ano, quando deixou de se sentar no banco e ajoelhou-se durante toda a execução do hino, em um manifesto contra a violência policial e em apoio ao Black Lives Matter, no que acabou se tornando um dos gestos reconhecidos oficialmente pelo movimento. Kaepernick repetiu o ato durante toda a temporada, acompanhado pelo companheiro de equipe Eric Reid.

A atitude de Kaepernick provocou um grande debate ao redor do país. Apesar de ter recebido apoio de outras figuras públicas, o jogador foi duramente criticado, inclusive por Donald Trump, então candidato à presidência dos Estados Unidos, dizendo que o atleta deveria deixar o país. Além disso, Roger Goodell, comissário da National Football League (NFL), e principal voz oficial da liga de futebol americano, também adotou um posicionamento oposto ao de Kaepernick.

Para Williams (2021), mesmo separados por um longo período temporal, Kaepernick sofreu consequências parecidas com as enfrentadas por Muhammad Ali. Ambos foram obrigados a conviver com o ostracismo em seus respectivos esportes. Ao contrário de Ali, Kaepernick não teve a prática do esporte proibida por federações, mas foi deixado de lado pelos times e pela liga. Após o fim da temporada, o jogador não recebeu mais propostas de nenhum time da NFL, mesmo passando por seu auge físico, aos 28 anos, e com uma carreira de sucesso no futebol

americano, com seis anos de experiência e tendo conduzido os 49ers ao SuperBowl, nome dado à final do campeonato.

Em 2017, uma fala de Donald Trump em um discurso no estado do Alabama começaria uma nova onda de protestos. Já cumprindo o mandato como presidente dos Estados Unidos, ele sugeriu que jogadores que protestassem durante o hino nacional deveriam ser demitidos. O que se pode observar na semana seguinte foi uma manifestação coletiva por parte dos jogadores da liga, em sua maioria negros, mas também apoiados em alguns casos por colegas brancos. Os atletas seguiam se ajoelhando, erguendo o punho e, em algumas partidas, nem sequer entravam em campo durante a execução do hino<sup>11</sup>.

Os anos seguintes ficariam marcados pela exponencialidade do Black Lives Matter. Como pudemos observar, os protestos não se restringiram apenas ao futebol americano. Lewis Hamilton, piloto e maior campeão da Fórmula 1, compareceu às manifestações do movimento em Londres, na Inglaterra, seu país de origem. A tenista Naomi Osaka também expressou seu apoio, nas quadras e nas redes sociais. No futebol, jogadores de diversas equipes da Europa, também se ajoelharam antes do início das partidas, oferecendo sua contribuição ao movimento, mesmo sem contar com a chancela das federações<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Disponível em:

<https://www.theguardian.com/sport/2017/sep/22/donald-trump-nfl-national-anthem-protests>

<sup>12</sup> Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/features/2020/7/6/black-lives-matter-should-sports-and-politics-mix>

### 3. O ECOSSISTEMA DA NBA

#### 3.1. O DESEQUILÍBRIO NA PIRÂMIDE ESTRUTURAL

Apesar de jogadores da NBA representarem uma imagem de pessoas negras que conquistaram sua ascensão financeira e social através do basquete, o mesmo não pode ser verificado nas posições de poder que constituem a liga. Para Almeida (2020), o racismo pode ser caracterizado como estrutural não só pela falta de representatividade, mas pela sistematização da supremacia branca na ocupação da quase totalidade dos espaços de poder institucional. Para Almeida:

A liderança institucional de pessoas negras basta quando não se tem poder real, projetos e/ou programas que possam de fato incidir sobre problemas estruturais, como as questões da ordem da economia, da política e do direito? [...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares. (ALMEIDA, 2020)

Nesse sentido, o esporte reflete, em diversas esferas, problemas intrínsecos ao modelo capitalista e ao que se entende como sociedade desde os tempos da colonização. Entre os 30 times que compõem a NBA atualmente, apenas um teve uma pessoa afro-americana como acionista majoritária: o Charlotte Hornets, comandado por Michael Jordan<sup>13</sup>, indiscutivelmente o jogador de basquete com mais projeção midiática na história. Jordan comandou as decisões da franquia por 13 anos, vendendo, em junho de 2023, suas ações majoritárias, para um grupo controlado por empresários brancos.

Apesar de constituírem maioria em meio aos jogadores, os afro-americanos também são minoria entre os técnicos. Na temporada 2021/22, foram 13. O número foi um aumento em relação à temporada anterior, quando a liga registrou apenas seis treinadores afro-americanos.<sup>14</sup> As estatísticas reforçam estereótipos acerca da população negra nos esportes de alto nível, como o de que esses contam apenas com atributos físicos, ou seja, despossuídos de outras qualidades

---

<sup>13</sup> Disponível em:

<https://www.lx.com/social-justice/you-know-michael-jordan-but-who-are-the-other-people-of-color-with-majority-ownership-in-pro-sports/20208/#:~:text=While%20there%20are%20minority%20investors,behind%20the%20wheel%20for%202021.>

<sup>14</sup> Disponível em:

<https://www.usatoday.com/story/sports/nba/2021/07/28/seven-hires-nba-nears-record-number-black-coaches/5374290001/>

necessárias para ocupar posições de destaque, para além das linhas que demarcam campos e quadras.

Entre os executivos, o número mais recente demonstra uma representatividade ainda menor. Segundo o site ‘Statista’<sup>15</sup>, em 2022, os negros representavam apenas 7% do total nos cargos de presidentes ou CEO’s das equipes. Já entre os gerentes gerais, responsáveis pelas montagens dos elencos, renovações de contratos, trocas e outras movimentações relacionadas à administração das equipes, o cenário é um pouco melhor. Dentre as 30 franquias que compõem a liga, 11 se consideram afro-americanos. Todavia, ainda representam a minoria no quesito, com 36% do total.

Os números mencionados acima têm sua interpretação facilitada quando colocados em comparação. Para estar apto a disputar a temporada da NBA, cada time deve obrigatoriamente contar com, pelo menos, 13 jogadores. Considerando que a liga é constituída atualmente por 30 times, e assumindo que cada time tenha o número de jogadores necessários, ao menos 390 atletas fazem parte dos elencos em uma temporada, com variáveis que podem ainda aumentar essa quantia. Ainda segundo o site ‘Statista’<sup>16</sup>, em 2022, os jogadores afro-americanos corresponderam a 71,8% do total de atletas da NBA. Com isso, podemos confirmar que a presença de jogadores negros, que geram cifras milionárias para a associação anualmente, é notavelmente superior à presença de pessoas negras em cargos de poder.

### 3.2. CONTEXTO DO ATIVISMO NA NBA

Da mesma forma, o ativismo político por parte dos jogadores profissionais de basquete não é novidade dos tempos atuais. No entanto, o advento da internet e das redes sociais digitais, assim como a difusão cada vez maior de transmissões, tem garantido aos atletas cada vez mais plataformas para se posicionar politicamente, promovendo um retorno enfático das manifestações.

A National Basketball Association, formada em cerca de 75% por atletas afro-americanos, carrega uma prática histórica de protestos, especialmente sobre questões raciais, como podemos observar a partir de Lamont Williams em *The Heritage Strikes Back*:

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1167888/nba-presidents-ethnicity/>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1167867/nba-players-ethnicity/>

*Athlete Activism, Black Lives Matter, and the Iconic Fifth Wave of Activism in the (W)NBA Bubble:*

Esse surgimento contínuo do ativismo do atleta, às vezes chamado de *The Heritage* (ver Bryant, 2019), é uma tradição contínua de ativismo que decorre de uma responsabilidade tácita de atletas de cor para intensificar e falar em nome de seus companheiros, pessoas de cor que foram historicamente silenciadas. (Williams, 2021)

O sucesso dos atletas afro-americanos ao longo da história, em diferentes modalidades do esporte competitivo, alimenta a esperança de uma sociedade igualitária em um país historicamente marcado pela segregação racial, como é o caso dos Estados Unidos. A segregação é simbolizada, por exemplo, nos primeiros passos da própria NBA, que só teve o primeiro jogador afro-americano em 1950, três anos após sua fundação.

Desde então, atletas negros surgiram como as inspirações pela liberdade, especialmente aqueles que participam do ativismo, que lutam pelos direitos humanos básicos eloquentemente declarados nos documentos fundadores dos Estados Unidos (Williams, 2021)

Ainda no contexto da década de 1960, como citado anteriormente, fortemente marcada pela crescente organização do Movimento dos Direitos Civis, o primeiro grande nome relacionado ao ativismo na então ainda curta trajetória da NBA foi Bill Russell. Russell, que permanece até hoje como o jogador com maior número de títulos da liga, mobilizou esforços, ao lado de atletas de outras modalidades, no que é entendido por Williams (2020) como terceira onda de ativismo, que ajudaram a reverberar as demandas por justiça e igualdade. Ainda para Williams (2020), esses atletas “buscaram justiça social imediatas, por meio de rupturas intencionais e desafios às instituições dominantes e ao discurso jurídico”.

Nos anos seguintes, as manifestações ativistas por parte de jogadores da liga sofreram uma queda, acompanhando a tendência citada anteriormente no capítulo, da diminuição de movimentos sociais organizados na sociedade estadunidense. Notavelmente, na década de 1990, grandes nomes do basquete como Michael Jordan, jogador mais influente de sua geração, e Charles Barkley, optaram por se manter à parte de discussões políticas, priorizando os interesses comerciais e mercadológicos de suas marcas.

Um dos principais episódios envolvendo Jordan e a política aconteceu nas eleições para senador na Carolina do Norte, estado onde o atleta viveu antes de se tornar profissional. Em 1990, Harvey Gantt, do Partido Democrata, e Jesse Helms, do Partido Republicano, disputavam

um lugar no congresso do país. Quando questionado sobre a ausência de seu posicionamento em relação ao tema, Jordan proferiu uma frase que ganharia destaque no debate sobre o ativismo (ou a falta dele) do jogador: “republicanos também compram tênis de marca”. Assim como Barkley, Tiger Woods e outros, Jordan conviveu com certo descontentamento, por não utilizar sua plataforma como espaço de luta. Como destaca Bryant (2019), “não importa o quão grande eles eram e quanto dinheiro eles ganhavam, nunca poderiam escapar da crítica de que eles recuaram de seu dever maior para com as pessoas.”

Apesar da diminuição descrita anteriormente, que pode ser explicada pelos interesses corporativos e financeiros dos atletas e seus patrocinadores (WILLIAMS, 2021), algumas exceções ainda eram encontradas. Um exemplo possível é o de Mahmoud Abdul-Rauf. Depois de se converter à religião islâmica e mudar seu nome de batismo, o jogador passou a não se levantar no momento de execução do hino dos Estados Unidos, afirmando que a bandeira do país era um símbolo de tirania e opressão. A atitude de Abdul-Rauf rapidamente foi rotulada como um gesto anti-patriótico, e o atleta foi punido pela NBA com a suspensão por um jogo. Abdul-Rauf só voltou às quadras depois de ter entrado em um acordo com a liga, onde concordava em se levantar durante o hino.

Depois de alguns anos mais discretos, como demonstra Williams (2021), o ativismo dos jogadores da NBA passou a conluir forças com o Black Lives Matter. Em 2012, LeBron James e seus companheiros de time do Miami Heat protestaram nas redes sociais contra a morte de Trayvon Martin, postando fotos com o uso de hashtags que pediam justiça, no caso que motivou a declaração de Alicia Garza e que, futuramente, serviria como combustível para a criação do movimento.

Dois anos depois, em uma partida entre Cleveland Cavaliers e Brooklyn Nets, os jogadores de ambas as equipes entraram em quadra utilizando camisas com os dizeres “eu não consigo respirar”, frase dita por Eric Garner, homem negro, minutos antes de sua morte, causada por ação violenta da polícia em Nova York. Já em 2016, LeBron se uniu a Carmelo Anthony, Dwyane Wade e Chris Paul em um discurso no ESPY Awards, cerimônia de premiação dos esportes nos Estados Unidos, reivindicando a cura de um país dividido pelo racismo, pela injustiça e pela violência armada. Esses esforços seriam cruciais para pavimentar o caminho das manifestações que viriam a seguir, na bolha montada pela NBA na temporada 2020.

### 3.3. MILITÂNCIA OU ESTRATÉGIA DE MARKETING?

A partir do aumento das possibilidades de comunicação proporcionados pela facilidade do acesso às redes sociais, indivíduos que historicamente lidaram com a opressão e o preconceito passaram a encontrar, digitalmente, maneiras mais eficazes de criação de conexões, utilizando o alcance de plataformas como Instagram e Twitter para manifestarem seu descontentamento e ecoar a luta contra a injustiça, encontrando novas formas de organização. A própria criação do Black Lives Matter e sua difusão através das redes sociais digitais pode ser tomada como um bom exemplo prático do fenômeno previamente descrito.

Dentro desse contexto, como podemos observar através de Santos (2019), marcas dos mais variados segmentos passaram a ser pressionadas para demonstrar seu posicionamento em apoio aos grupos sociais em questão, em especial com relação às questões raciais, de gênero e de orientação sexual. A adoção ou não de posicionamentos explícitos são alvos de debates polarizados nas redes, conseqüentemente recebendo elogios e críticas. As cobranças também chegaram ao campo esportivo, espaço historicamente marcado por disputas políticas e, muitas vezes, alvo de apropriação por parte de governos autoritaristas e líderes políticos.

Em meio ao perfil do novo consumidor digital, especialmente entre o público mais jovem, o suporte oferecido pelas marcas aos grupos e causas sociais, através de propagandas ou mesmo oferecendo sua própria plataforma para que atletas possam se organizar politicamente, tornou-se um caminho estratégico ordinário, deixando de ser entendido como uma surpresa ou uma atitude revolucionária, de cunho progressista. Todavia, é necessário salientar as evidentes motivações financeiras de tais ações, realizadas por marcas que, pela lógica mercadológica de sua criação e atuação no sistema ideológico que alimentam, priorizam essencialmente o lucro e os números objetivos. Essas motivações são o ponto central em torno do debate sobre as reais intenções das marcas em questão ao demonstrarem apoio aos grupos supracitados, com uma crítica recorrente: quais esforços práticos são realizados por elas, além das estratégias comerciais, para interferir de maneira prática nos problemas estruturais relacionados à desigualdade e injustiça?

O caso de Colin Kaepernick, citado anteriormente neste capítulo, também se enquadra no assunto. Kaepernick, que sofreu boicote da NFL e não teve a oportunidade de jogar novamente depois dos protestos, estrelou, em 2018, uma campanha publicitária contra o racismo, produzida



pela Nike, fornecedora única dos uniformes de todas as equipes da liga. Como detalhou Jacob (2020), empresa de artigos esportivos viu suas vendas aumentarem em 31% depois que a campanha foi ao ar. O jogador também recebeu o suporte do Comitê Olímpico dos Estados Unidos, o mesmo que banuiu do atletismo John Carlos e Tommie Smith, citados no capítulo anterior, e também da Federação de Futebol dos Estados Unidos, que banuiu a jogadora Megan Rapinoe, uma das primeiras atletas a demonstrar apoio a Kaepernick, por repetir o protesto realizado por ele na execução do hino.

No futebol, a Premier League, primeira divisão do futebol inglês e liga mais poderosa do mundo, demonstrou apoio ao movimento Black Lives Matter, mas, acabou se esquivando do posicionamento oficial, optando por adotar sua própria campanha. Após a morte de George Floyd, em maio de 2020, jogadores e membros da comissão técnica das equipes receberam o apoio da liga e passaram a se ajoelhar antes do início das partidas. Também levavam a frase Black Lives Matter na parte de trás da camisa, estampada logo abaixo dos números, e também nas mangas, com o distintivo do movimento substituindo o símbolo oficial da liga. A frase também aparecia nas arquibancadas, em banners colocados sobre as cadeiras vazias por conta da pandemia da Covid-19<sup>17</sup>.

Depois de 12 partidas, no entanto, o apoio direto foi interrompido. Segundo o jornal The Guardian<sup>18</sup>, algumas medidas práticas reivindicadas oficialmente pelo movimento, como o desfinanciamento da polícia, gerou desconforto entre as lideranças da Premier League. Todo o material de suporte ao Black Lives Matter foi, então, substituído pela frase “No Room For Racism” (Sem espaço para o racismo, em português). Os protestos dos jogadores continuaram, mas, a postura adotada pela liga foi de, nitidamente, se afastar de debates mais críticos e objetivos, sem a intenção de perder a publicidade gerada pelo posicionamento mais raso.

Diversos exemplos podem ser encontrados nos mais variados esportes. No tênis, a Associação de Tenistas Profissionais (ATP) interrompeu a disputa do torneio US Open por um dia, depois que a tenista Naomi Osaka ameaçou não competir nas semifinais, também em protesto contra a violência policial nos Estados Unidos. Pouco ou nenhum esforço da associação

---

<sup>17</sup> Disponível em:  
<https://www.theguardian.com/football/2020/jun/17/aston-villa-sheffield-united-players-take-knee-premier-league-black-lives-matter>

<sup>18</sup> Disponível em:  
<https://www.theguardian.com/football/2020/sep/10/premier-league-drop-black-lives-matter-badge-from-shirts-for-own-campaign>

foi visto depois da pausa, enquanto Naomi, individualmente, continuava protestando através da utilização de máscaras sanitárias com os nomes de pessoas negras que foram vítimas das ações policiais<sup>19</sup>.

Dentro desse contexto, a NBA, como marca global, também produz situações onde demonstra fazer uso do ativismo corporativista, termo cunhado por Williams (2021) para tal estratégia. A evolução gradual do comportamento pode ser observada também a partir de exemplos abordados anteriormente neste trabalho. No caso de Mahmoud Abdul-Rauf, não houve tolerância da liga em relação aos protestos realizados pelo jogador. De maneira irredutível, a associação optou por multar o atleta, além de afastá-lo das atividades esportivas, punindo-o tanto no aspecto financeiro quanto no competitivo e, assim, cerceando seu direito de manifestar-se diante das mazelas sociais presentes no ambiente do qual a liga faz parte.

Quando avançamos por alguns anos na linha temporal, é possível perceber, a partir da crescente cobrança por posicionamentos por parte dos novos consumidores, e dos próprios processos mercadológicos já mencionados, uma mudança de postura da NBA no tratamento às manifestações dos atletas. Tomemos como exemplo o assassinato de Eric Garner, homem negro que foi asfixiado por um policial em 2014. A ocasião motivou a decisão dos jogadores de realizarem o aquecimento, antes das partidas, utilizando camisetas com os dizeres “I Can’t Breathe” (Eu não consigo respirar), últimas palavras ditas por Garner antes de sua morte.

O comissário da liga, Adam Silver, se pronunciou de maneira contida, demonstrando seu apoio à causa, mas, ao mesmo tempo, ressaltando suas consternações relacionadas à plataforma utilizada pelos jogadores. Silver afirmou que “respeita Derrick Rose e todos os jogadores por expressarem seus pontos de vista sobre questões importantes”, mas, que sua preferência era de que os jogadores respeitassem as regras da liga sobre as vestimentas dentro das quadras. A declaração denota a preocupação do executivo em desagradar possíveis receptores, porém, colocando a liga em uma posição de suporte passivo aos jogadores, sem gerar afrontas ou punições, como com Abdul-Rauf. Como Williams (2021) define:

Em acordo com o ativismo corporativo, a NBA está confortável em erguer seus punhos ao ar quando as circunstâncias irão beneficiar sua progressão. (Williams, 2021)

---

<sup>19</sup> Disponível em:

<https://andscape.com/features/naomi-osaka-made-sure-black-lives-mattered-at-the-us-open/>

O autor ainda chama a atenção para a estratégia da NBA em uma terceira situação. Já em 2020, após o assassinato de George Floyd, a liga disponibilizou, em conjunto com a associação de jogadores, uma lista de frases que poderiam ser utilizadas pelos jogadores na parte dorsal das camisas, durante todo jogo, como forma de expressar visualmente os protestos durante as transmissões na TV. Em meio às opções, estava justamente a frase “I Can’t Breathe”, que voltou a ganhar visibilidade no caso de Floyd, mais uma vítima da violência policial que morreu por asfixia. Apesar de uma nova abordagem por parte da liga, Williams (2021) ressalta que as limitações ainda estão presentes:

O progresso mencionado acima não foi um sucesso completo, principalmente por conta das restrições impostas pela NBA na ‘lista aprovada’ de frases que os jogadores puderam exibir. Sem surpresa, a NBA mostrou seu foco subjacente de ativismo corporativo, colocando barreiras paternalistas nas expressões dos jogadores para proteger a imagem multi-milionária de sua marca. (Williams, 2021)

#### 4. ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO DOS JOGADORES

A fim de viabilizar o trabalho, o caminho metodológico aqui optado foi o da análise de conteúdo. Com isso, utilizando como base os conceitos de Bardin (2011), a pesquisa tem como objetivo elucidar as estratégias utilizadas pelos atletas selecionados para abordar questões previamente descritas, e entender, a partir do contexto de cada material escolhido, um pouco mais sobre a construção da fala dos jogadores.

Para tal, foi selecionado, como corpus de análise, um total de seis entrevistas coletivas, sendo três do entrevistado LeBron James, nas datas de 24/07/2020, 03/08/2020 e 24/08/2020, e três do entrevistado Jaylen Brown, nas datas de 28/07/2020, 17/09/2020 e 24/09/2020. Todo o material foi acessado através do YouTube, em 25/05/2023, e está disponível na íntegra. Seguindo os critérios de avaliação postos por Bardin (2011), a escolha do corpus valoriza especialmente o caráter homogêneo do material como um todo. Além disso, a opção por entrevistas também foi pensada a partir de Sampaio e Lycarião (2021), de acordo com a percepção de que conteúdos referentes à comunicação em formato audiovisual podem facilitar o processo de análise, visto que a autenticidade dos discursos se faz presente de maneira mais natural.

Com o corpus definido, buscaremos também perceber quais pontos se diferem e quais se repetem entre os discursos dos jogadores, tanto em comparação com suas próprias falas em entrevistas anteriores quanto na comparação entre as questões abordadas por cada um nas falas específicas. Assim, procura-se interpretar as intenções e significados das declarações.

As temáticas abordadas pelos atletas foram divididas em sete categorias, pensadas como maneira de classificá-las de acordo com a quantidade de vezes em que são mencionadas. Ao fim de cada tópico descritivo referente às entrevistas, foi adicionado um quadro que representa tal quantidade. A seguir, estão dispostas as categorias e os respectivos critérios de classificação.

A primeira temática, descrita como “Voto/Eleições”, compreende as oportunidades em que os jogadores mencionaram as palavras citadas, ou palavras e assuntos que envolvem o processo eleitoral em questão nos Estados Unidos. Já a segunda, intitulada “Sistema/Sociedade/Mudança”, mensura questões relacionadas a um panorama estrutural ou sistêmico das noções de raça. Na temática “Comunidade negra”, estão inclusas as ocasiões onde os atletas mencionaram a expressão em questão, especialmente como maneira de se estabelecer um diálogo com essa comunidade, com a qual reforçam sua identificação em diversas

oportunidades. A temática “Polícia” evidencia as vezes em que o termo apareceu nas declarações, de maneira literal ou através de referências, como o slogan “servir e proteger”, característico das forças policiais norte-americanas. A linha “Justiça” abriga todas as oportunidades em que a palavra foi acionada. Por sua vez, a temática “Plataforma” quantifica as ocasiões em que os jogadores utilizaram a palavra, como forma de evidenciar o lugar de fala conferido pelo sucesso esportivo conquistado por ambos. Por fim, a temática final, intitulada “Ataque/Defesa/Partida”, abriga as declarações sobre questões estritamente voltadas ao basquete, e as práticas competitivas características ao esporte.

#### 4.1 O CONTEXTO DA BOLHA DA NBA EM 2020

Nos primeiros meses de 2020, o cenário de incertezas em relação à descoberta do novo Coronavírus tomou conta de todo o mundo. Em um curto espaço de tempo, os casos positivos da doença se multiplicaram, demonstrando um enorme poder de propagação, que avançava muito além do que os sistemas de saúde ao redor do globo poderiam prever. Os primeiros casos tiveram início na China, ainda no fim de 2019. Após a rápida progressão do vírus, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, a pandemia de Covid-19<sup>20</sup>. Com países de todos os continentes em estado de alerta, o que se viu nos meses que se seguiram foi a disseminação de uma crise sanitária generalizada, até então sem precedentes na história recente da humanidade.

A partir dos colapsos em sistemas de saúde de diversos países, diferentes estratégias para a contenção da propagação do vírus foram adotadas por nações em todo o mundo, e as principais medidas recomendadas eram o distanciamento social e as quarentenas, além do uso de equipamentos de proteção individual<sup>21</sup>. Nesse contexto, a realização de competições esportivas de alto nível também se tornou inviável. Esportes de contato como futebol, basquete, futebol americano, lutas, handebol, entre outros, representavam um desafio de execução ainda maior, visto que a forma primordial de contaminação da doença é o contato pessoal próximo.

A decisão de interromper os principais campeonatos e torneios ao redor dos cinco continentes foi basicamente unânime. Na mesma data em que a OMS declarou o início da

---

<sup>20</sup> Disponível em

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>

<sup>21</sup> Disponível em

<https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=Devem%20ser%20combinadas%20com%20outras,um%20len%C3%A7o%20ou%20cotovelo%20dobrado.>

pandemia global, a NBA suspendeu suas atividades por tempo indeterminado. O exemplo da liga profissional de basquete norte-americana seria seguido posteriormente pelos principais campeonatos de futebol do ocidente, e por diversas federações de esporte de diferentes nações. Um dos primeiros casos positivos da doença na NBA aconteceria de maneira emblemática. Em uma entrevista coletiva realizada no dia 19 de março de 2020. Rudy Gobert, então jogador do Utah Jazz, foi perguntado sobre a preocupação que o vírus poderia representar para as pessoas envolvidas no esporte, e na continuidade do torneio em si. Sua reação foi a de ironizar um possível contágio e subestimar o poder de transmissão da doença, passando a mão em microfones da sala de entrevistas antes de deixar o local. Dias depois, o jogador testou positivo para a doença. Depois de mais confirmações, no dia 19 de março, os treinos também foram suspensos<sup>22</sup>.

A paralisação das atividades da liga representava instantaneamente um problema financeiro grave para o funcionamento da associação. Como citado anteriormente neste trabalho, a NBA, assim como todas as principais ligas esportivas profissionais dos Estados Unidos (NFL, MLB E NHL), funciona como um modelo de negócio, orientando-se por lógicas mercadológicas que visam, de acordo com Williams (2021), os ganhos financeiros a partir da exploração da imagem e da prática esportiva por parte de seus jogadores. A maior parte dos ganhos monetários parte de acordos firmados com emissoras de televisão e plataformas de streaming pelos direitos de transmissão dos jogos, mas também através de anúncios comerciais, patrocínios e venda de ingressos.

Toda essa estrutura financeira depende, essencialmente, da realização das partidas conforme o calendário previsto pela liga. A interrupção das atividades esportivas por conta do coronavírus representou um prejuízo de 10% para a NBA em relação aos números do ano anterior. Na temporada de 2018/19, a receita total foi de 9,2 bilhões de dólares. Já em 2019/20, caiu para 8,3 bilhões de dólares. O balanço financeiro apontou uma perda de 800 milhões de dólares em bilheteria, e 400 milhões de dólares em acordos de patrocínio.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Disponível em [https://www.espn.com/nba/story/\\_/id/28887560/nba-suspends-season-further-notice-player-tests-positive-coronavirus](https://www.espn.com/nba/story/_/id/28887560/nba-suspends-season-further-notice-player-tests-positive-coronavirus)

<sup>23</sup> Disponível em [https://www.espn.com/nba/story/\\_/id/30211678/nba-revenue-2019-20-season-dropped-10-83-billion-source-s-say](https://www.espn.com/nba/story/_/id/30211678/nba-revenue-2019-20-season-dropped-10-83-billion-source-s-say)

Em uma organização comandada por donos de times com patrimônio bilionário, a falta de jogos significava fundamentalmente a diminuição dos lucros obtidos e, conseqüentemente, a insatisfação dos mesmos. Nesse cenário, passaram a ser discutidos possíveis cortes de pagamentos aos jogadores, hipótese que logicamente desagradou os atletas. Em uma medida que gerou repercussão negativa imediata, o Philadelphia 76ers anunciou um corte salarial de 20% aos funcionários que recebiam mais de 50 mil dólares. A notícia desagradou até a Joel Embiid, jogador mais bem pago da equipe, que se comprometeu a contribuir com 500 mil dólares para auxiliar nas despesas dos trabalhadores<sup>24</sup>. A partir da metade do mês de maio, os cortes salariais aos jogadores se transformaram em realidade, com uma diminuição de 25% nos vencimentos dos atletas.

Uma matéria veiculada pela empresa ESPN<sup>25</sup> mostrou que, ainda no dia em que a liga anunciou o então adiamento dos jogos, executivos responsáveis pelas chamadas franquias e representantes da NBA se reuniram para buscar possíveis soluções que visassem a realização das partidas, procurando proteger as transmissões televisivas e a receita gerada por elas, mesmo que, para isso, fosse necessária a ausência de espectadores nos ginásios, ação que foi pensada como suficiente para frear a propagação da doença. O panorama dos meses seguintes mostraria que as viagens e a própria competição nas quadras continuariam representando um risco para os jogadores, comissão técnica, funcionários das equipes e as famílias envolvidas. Nesse contexto, foi iniciada uma força tarefa a fim de viabilizar o retorno do torneio de forma minimamente segura.

O calendário de 2019/20 foi interrompido com 21% das partidas da temporada regular por serem jogadas. Uma temporada completa define a disputa de 82 jogos por cada uma das 30 equipes que compõem a liga atualmente. Portanto, o regulamento oficial prevê a disputa de 2460 jogos. O total de confrontos restantes era de cerca de 516. A National Basketball Association, a Associação de Jogadores e os donos das equipes definiram, em conjunto, a criação de um sistema que possibilitaria a disputa de parte da temporada regular, e, especialmente, dos playoffs, que representam o período de maior audiência da liga por conta da competitividade presente no formato das disputas.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.latimes.com/sports/story/2020-03-24/philadelphia-76ers-rescind-20-pay-cuts-backlash>

<sup>25</sup> Disponível em: [https://www.espn.com/nba/story/\\_/id/28885303/nba-owners-leaning-playing-fans-amid-coronavirus-outbreak](https://www.espn.com/nba/story/_/id/28885303/nba-owners-leaning-playing-fans-amid-coronavirus-outbreak)

Assim, a alternativa encontrada pelas partes foi a criação do conceito que ficou conhecido como a “bolha”, semântica que representava a ideia de segurança proposta pela NBA para a continuidade do torneio, cujo principal objetivo era o de proteger os jogadores e funcionários e evitar a disseminação do vírus, mas, acima de tudo, minimizando os impactos financeiros proporcionados pela pandemia. Depois de dias de discussões entre representantes, os detalhes do novo torneio finalmente vieram a público. Dos 30 times constituintes da liga, oito seriam excluídos da disputa, visto que não contariam com a chance de classificação à fase seguinte (playoffs) do campeonato. Com um trabalho de remanejamento de partidas e a criação de um novo calendário, que previa cerca de cinco a seis jogos por dia, o formato estava definido. A decisão final ainda desagradaria a associação de treinadores, que julgava arriscada a ida de alguns profissionais com mais de 65 anos e, portanto, pertencentes ao grupo de risco da Covid-19, à bolha<sup>26</sup>.

Apesar da aprovação legal do retorno, algumas questões ainda permaneciam como possíveis obstáculos à realização do campeonato. Um exemplo foi o acordo costurado entre a associação de jogadores e a NBA, que visava eliminar punições a jogadores que se recusassem a viajar para a bolha, permitindo apenas um corte salarial parcial. Os seguidos casos de violência policial e assassinatos de pessoas afro-americanas também teve papel importante nas decisões. Jogadores como Kyrie Irving e Lou Williams, que contam com alta projeção midiática, se reuniram em ligações virtuais e questionavam se o momento era oportuno para a volta das competições oficiais, com o argumento de que o reinício das partidas poderia atuar como uma distração às manifestações que tomavam conta das ruas norte-americanas, atraindo a atenção dos espectadores e enfraquecendo debates relacionados às tensões políticas e raciais que no momento eram escancaradas ao redor do país e do mundo.

Quatro meses depois da paralisação das atividades, no dia 7 de julho de 2020, os times se apresentaram para a retomada da temporada. A solução adotada pela NBA foi a criação de um complexo esportivo totalmente restrito, localizado no Walt Disney World Resort, de propriedade da ESPN, na cidade de Orlando, no estado da Flórida, e que abrigaria as delegações das 22 equipes designadas ao torneio. Na chegada ao complexo, todos os participantes da delegação de

---

<sup>26</sup> Disponível em:  
<https://www.sportingnews.com/us/nba/news/nba-bubble-rules-teams-schedule-orlando/zhap66a9hcwq1kmcex3ggabo>



cada time foram submetidos a um período de 48 horas de quarentena, até a comprovação de dois testes negativos para a Covid-19.

Os testes eram realizados regularmente e, no caso de resultados positivos, os indivíduos eram isolados do restante da equipe por no mínimo 14 dias, até que pudessem receber três testes negativos. A presença de convidados era proibida, e a saída do complexo também gerava consequências. Pessoas que optassem por deixar o local sem justificativas plausíveis só poderiam retornar aos hotéis após 10 dias de quarentena e testes negativos. Além disso, jogadores sofreriam cortes salariais calculados a partir do número de partidas perdidas durante o período de isolamento<sup>27</sup>.

Com toda a agenda definida, a NBA retomou oficialmente as competições no dia 30 de julho de 2020, no primeiro dos 225 jogos realizados durante o período da bolha, que teve seu encerramento em 11 de outubro de 2020. Cerca de 1400 pessoas entre jogadores, comissão técnica, equipe médica, funcionários, entre outros, ocuparam as dependências do complexo nos meses em que a competição ocorreu<sup>28</sup>. Segundo Williams (2021), para além das disputas esportivas que aconteciam dentro das quatro linhas, um jogo em especial se tornaria um marco na história do ativismo de atletas, onde o acontecimento (ou não acontecimento) de um jogo foi pioneiro na forma de direcionar a atenção à problemas sociais historicamente presentes na sociedade norte-americana, com um registro sem precedentes nas grandes ligas profissionais do esporte estadunidense.

No domingo do dia 23 de agosto de 2020, Jacob Blake, homem negro, então com 29 anos, foi alvo de sete disparos por arma de fogo, realizados por um policial branco. O episódio aconteceu na cidade de Kenosha, estado de Wisconsin, e foi presenciado por três filhos de Blake. Apesar dos danos e lesões, o homem sobreviveu aos tiros. Dias depois, vídeos do acontecimento, que evidenciavam a conduta violenta e desproporcional dos policiais envolvidos, ao dispararem na direção das costas de Blake, viralizaram na internet. O conteúdo das filmagens rapidamente se propagou através das redes sociais, causando revolta e indignação por parte da população, que voltou às ruas para protestar diante de mais um caso de brutalidade direcionado a uma pessoa afro-americana.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.theringer.com/nba/2020/6/16/21292239/nba-restart-timeline-march-to-june>

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.sportingnews.com/us/nba/news/nba-bubble-rules-teams-schedule-orlando/zhap66a9hcwq1khhm cex3ggabo>

Três dias depois, em 26 de agosto, estava prevista a quinta partida entre Milwaukee Bucks e Orlando Magic, válida pela primeira rodada dos aguardados playoffs da temporada. Contudo, em uma decisão corajosa, os atletas optaram pela não realização do duelo, e se recusaram a entrar em quadra. Foi uma forma de protesto pela tentativa de assassinato de Blake, que aconteceu a cerca de 64 quilômetros de Milwaukee, cidade sede dos Bucks. A iniciativa partiu dos jogadores da equipe, e foi seguida pelos companheiros do Magic, utilizando a visibilidade e a atenção concentradas em um jogo de playoffs para, como Williams (2021) destaca, evidenciar uma questão mais importante que o basquete. Assim, a atitude ressignificou a preocupação dos jogadores, de que as práticas competitivas e comerciais em torno do campeonato poderiam ser uma distração para os protestos.

Em um movimento contrário, jogadores de Bucks e Magic evidenciaram os problemas, atraindo ainda mais olhares às questões reivindicadas pelos protestos e pelos próprios atletas. O suporte por parte da franquia também se tornou imprescindível, como podemos observar na nota oficial publicada pelos Bucks após o episódio, onde destacam pontos cruciais da discussão em torno das questões raciais, clamando por justiça por Jacob Blake e exigindo que os policiais envolvidos fossem responsabilizados por seus atos. A nota ainda nomeava instituições responsáveis e caminhos possíveis para a melhora, ao reforçar que “é imperativo que a Assembleia Legislativa do Estado de Wisconsin se reúna após meses de inação e tome medidas significativas para abordar questões de responsabilidade policial, brutalidade e reforma da justiça criminal. Incentivamos todos os cidadãos a se educarem, tomarem medidas pacíficas e responsáveis e lembrarem-se de votar em 3 de novembro”<sup>29</sup>.

O exemplo foi seguido também por jogadores e jogadoras de outras ligas profissionais dos Estados Unidos, como a Women’s National Basketball Association (WNBA), liga de basquete feminino, e a Major League Baseball (MLB). As jogadoras da WNBA também foram responsáveis por atitudes importantes no espectro ativista do basquete. Como Williams (2021) ressalta, atletas do Atlanta Dream tomaram até mesmo posicionamento público contrário ao de um dos acionistas da franquia, Kenny Loeffler, durante a campanha do mesmo para o Senado, depois que ele se manifestou contra o posicionamento das ligas profissionais de basquete de

---

<sup>29</sup> Original em:  
<https://www.nba.com/bucks/news/milwaukee-bucks-players-statement-following-boycott-game-5-nba-playoffs-vs-orlando> (acesso em 19/07/2023)

apoiarem o movimento Black Lives Matter. Depois, o candidato acabaria pressionado a ponto de vender suas ações na equipe.

Os protestos realizados por jogadores de Milwaukee Bucks, Orlando Magic, e pelas jogadoras da WNBA pavimentariam o caminho para uma prática inédita na história do ativismo de atletas. Contando com o apoio das franquias e o atendimento de suas demandas por parte das ligas, atletas elevaram suas posições no debate público, levando a visibilidade conferida pelo sucesso conquistado no esporte competitivo a um novo nível.

#### 4.2 O NOVO PAPEL DO JOGADOR ATIVISTA

Como podemos observar a partir de Williams (2021), os protestos dentro do contexto da bolha já representavam um movimento disruptivo no histórico do ativismo político por parte de atletas, por conta da relação entre as manifestações e a relação com a NBA. Como descrito previamente, essa foi a primeira vez em que jogadores receberam apoio direto da liga. Ao contrário do que aconteceu com Mahmoud Abdul-Rauf, que teve seus atos de protesto desencorajados através de punições esportivas, os participantes da bolha tiveram suas demandas, pelo menos em parte, atendidas pela organização.

A NBA concordou em estampar, no piso das quadras, a frase Black Lives Matter, durante todos os jogos realizados no complexo esportivo na Flórida. Também permitiu que jogadores se ajoelhassem e permanecessem com os braços entrelaçados durante a execução do hino nacional, utilizando camisetas que, assim como nas quadras, anunciavam e reforçavam a afirmação de que vidas negras importam. Mesmo durante as partidas, mais um espaço foi cedido às mensagens intencionadas pelos jogadores, através dos uniformes, que historicamente contavam apenas com o nome e número escolhidos pelos atletas.

Agora, todos os jogadores poderiam escolher uma entre as seguintes palavras e frases para estampar suas camisetas: ‘Black Lives Matter; Digam os nomes deles; Vote; Eu não consigo respirar; Justiça; Paz; Igualdade; Liberdade; Basta; Poder ao povo; Justiça já; Diga o nome dela; Sim nós podemos; Libertação; Nos veja; Nos ouça; Nos respeite; Nos ame; Escute; Nos escute; Se levante; Quantos mais; Alie-se; Anti-racista; Eu sou um homem; Fale; Economia de grupo; Reforma educacional e Mentor’.

Todas as frases selecionadas carregavam um significado evidente, que expressava, também nos momentos onde a atenção, antes, era limitada apenas às disputas físicas de um jogo competitivo de basquete, as indignações coletivas de um grupo que bradava por igualdade e melhorias sociais urgentes e necessárias. Apesar da presença quase inevitável do ativismo corporativista, conceito anteriormente apresentado neste trabalho, a aceitação da NBA, por si só, já poderia ser entendida como um grande progresso, especialmente quando colocamos em perspectiva as posturas adotadas por instituições esportivas no passado.

Esse processo foi um precedente valioso para um avanço que seria ainda mais notório. A partir das atitudes revolucionárias e afrontosas de atletas que optaram por não se calarem diante das injustiças percebidas na sociedade à sua volta, se enxergando como parte desse grupo historicamente oprimido, os jogadores da bolha conseguiram estabelecer uma prática de diálogo antes impensável com a organização, marcando presença não apenas no apoio declarado dentro do campo esportivo, mas se inserindo no cerne do debate, produzindo oportunidades de fala em espaços antes negados aos atletas, participando diretamente da busca por soluções, melhorias e mudanças práticas em relação aos problemas. Assim, as manifestações ativistas por parte desses jogadores deixaram de contar exclusivamente com o caráter individual, passando a garantir a possibilidade de se expressar também no caráter coletivo, de maneira organizada, como o exemplo do adiamento da partida entre Bucks e Magic pode demonstrar.

A partir dessa nova forma de se organizar, segundo Williams (2021), os jogadores encontraram uma maneira de fazer com que as instituições do esporte organizado fossem obrigadas a ouvirem suas vozes. Quando a indignação em relação coletiva em relação aos sucessivos casos de violência policial no país tomou conta de atletas, em sua maioria, negros, solidificou-se, mais rapidamente, a percepção da própria centralidade do papel que ocupam em toda a produção de sentido ao redor da NBA. Apesar da receita bilionária gerada ano após ano, do patrimônio também bilionário dos acionistas das franquias, e do poder concentrado nas mãos de executivos que comandam as grandes decisões da liga, o funcionamento da máquina comercial representada pela NBA depende, fundamental e primordialmente, dos homens que dedicam sua energia e disponibilizam seus atributos físicos e mentais dentro das quadras, proporcionando disputas esportivas que são transmitidas para espectadores de praticamente todo o planeta, através de contratos de transmissão que movimentam quantias de dinheiro inimagináveis para o cidadão comum.

Essa nova prática de diálogo pode ser a abertura de um novo caminho aos atletas que serão parte da estrutura da NBA no futuro. Neste novo contexto, Williams (2021) defende que os jogadores passaram de ativistas solitários para uma nova posição de poder onde, enquanto grupo, tem um lugar garantido na conversa, até então predominantemente dominada por homens brancos, entre a organização e os donos das franquias, conquistando a possibilidade de expressarem suas demandas e garantir que elas sejam ouvidas. Como o autor define:

A presença de jogadores em discussões relacionadas à iniciativas de justiça social fez com que as demandas fossem específicas para o avanço do movimento Black Lives Matter. A presença deles garantiu que os pensamentos, sentimentos e contra-narrativas às ideologias dominantes estariam bem representados, e que o compromisso coletivo de justiça social seria vital para a causa. Ligas profissionais chegaram a um acordo amigável que tiveram impactos materiais nas comunidades de cor, especificamente por meio de suas iniciativas por justiça social e direito ao voto. (Williams, 2021)

Ainda para o autor, a prática do diálogo e o espaço conquistado desempenha um papel fundamental na desconstrução da estereotipação da imagem dos atletas, historicamente vistos como corpos unicamente associados à prática desportiva, tendo assim reduzida a percepção sobre suas capacidades intelectuais, e suas funções dentro da construção de sociedade política minimizadas.

Em uma liga majoritariamente composta por atletas negros, como é o caso da NBA, o papel de destaque dos mesmos em discussões que motivem mudanças reais nas comunidades também é extremamente valioso no processo de desconstrução de um outro estereótipo cruel presente na sociedade: a criminalização de corpos negros. Williams (2021) afirma que o próprio sucesso esportivo de indivíduos negros, combinado à atuação estratégica nos esforços pela igualdade e a melhoria na qualidade de vida das pessoas, ajuda a “fornecer um imaginário de empoderamento à existência do atleta negro como exemplos reais de líderes da comunidade negra”.

No contexto das novas manifestações e da relação de diálogo entre atletas e ligas profissionais, o ativismo coletivo e organizado dos jogadores precisaria de lideranças vocais. Alguns nomes experientes citados previamente neste trabalho como Chris Paul, Carmelo Anthony, Derrick Rose e Kyrie Irving emergiram como pilares de um movimento que se fortaleceu ao longo dos últimos anos. Todavia, os próximos capítulos buscarão contextualizar as figuras igualmente importantes de dois jogadores negros, nascidos nos Estados Unidos, e que,

mesmo antes da bolha e de toda a significação produzida pela onda de protestos e pela ascensão do Black Lives Matter, já carregavam um histórico de participação ativa em discussões sobre questões raciais. São eles LeBron James, atualmente o jogador que está há mais tempo na NBA e um símbolo cultural que ultrapassa os limites do basquete em si, e Jaylen Brown. Esse, um jogador mais jovem, mas detentor de uma trajetória de sucesso nas quadras e de um perfil ativista também fora delas.

#### 4.3. LEBRON JAMES

Nascido em 30 de dezembro de 1984 na cidade de Akron, situada no estado de Ohio, LeBron Raymone James é o primogênito de uma mãe solteira, que engravidou do futuro prodígio do basquete ainda aos 16 anos. Ainda na fase da adolescência, James passou a se destacar em âmbito nacional devido ao seu notável e precoce talento esportivo. A estrutura dos esportes competitivos nos Estados Unidos, especialmente nas grandes ligas profissionais, faz com que competições tenham um alto grau de organização já em ambientes onde, no restante do mundo, não atraem muita atenção. É o caso dos campeonatos entre universidades e até mesmo entre colégios.

Por tal motivo, LeBron James lidava com as expectativas sobre o seu futuro no esporte de alto nível já na adolescência. Jogando pela escola St. Vincent-St Mary, ainda em sua cidade natal, o jovem atleta já se consolidava como uma personalidade conhecida nacionalmente. Aos 19 anos, ingressou na NBA como primeira escolha da seleção de 2003, fato raro para jogadores que não passaram pelo tradicional basquete universitário estadunidense ou mesmo atuaram profissionalmente em ligas de outros países. Em 76 edições do “Draft”, evento onde as equipes selecionam novos jogadores para integrarem seus elencos, apenas três jogadores foram escolhidos na primeira posição saindo do ensino médio. A própria trajetória do atleta, antes mesmo de disputar um jogo oficial pela NBA, serve como referência para mensurarmos a expectativa criada em torno de suas capacidades físicas e mentais.

O caminho no âmbito do ativismo, porém, não se desdobrou rapidamente, ao contrário da ascensão observada em sua carreira esportiva. Na verdade, LeBron fez questão até mesmo de se distanciar de questões políticas durante os primeiros anos como jogador profissional. Em 2008, como destacam Coombs e Cassilo (2017), declarou inclusive que “esportes e política apenas não combinam”. Ao longo dos anos seguintes, James passou a demonstrar um novo posicionamento

crítico em relação às questões raciais intrinsecamente presentes na sociedade americana, adotando uma postura diferente das condutas vistas nos dois principais jogadores de basquete estadunidenses das gerações anteriores: Michael Jordan e Kobe Bryant.

Ao passo em que se consolidou como o melhor jogador de basquete de sua geração, e um dos melhores da história do esporte, James também começou a fortalecer sua posição de liderança vocal no debate por equidade e justiça na comunidade afro-americana. Mesmo em 2008, quando ainda não se envolvia tão diretamente com questões políticas, o jogador apoiou a campanha de Barack Obama à presidência, e comemorou publicamente a vitória nas eleições presidenciais, com o primeiro presidente negro eleito na história dos Estados Unidos. James classificou o acontecido como uma mensagem positiva a todas as crianças negras do país, declarando que “elas não precisariam se tornar jogadoras de basquete. Poderiam se tornar presidentes”. Assim, James reforçou a função transformadora do basquete profissional na trajetória de jovens negros nos Estados Unidos<sup>30</sup>.

Depois de assinar um contrato e se mudar ao Miami Heat, James passou a se manifestar de maneira mais contundente e com maior frequência. Um dos primeiros exemplos aconteceu no caso de Trayvon Martin, em 2012. Após a repercussão da morte do jovem, James e os companheiros de Miami Heat se apresentaram a um jogo utilizando blusas com capuzes, em um evidente ato de indignação com a declaração de George Zimmerman, autor dos disparos que mataram Martin, de que considerou o jovem uma ameaça à segurança da vizinhança, unicamente pela cor de sua pele e por sua vestimenta, também pela utilização de capuz. O momento produziu uma foto icônica, que marcaria um dos momentos iniciais do caminho traçado por James no apoio às causas defendidas pelos movimentos negros. Através do Twitter, ele compartilhou a foto utilizando hashtags relacionadas ao caso: “#WeAreTrayvonMartin” (Nós somos Trayvon Martin), “#Hoodies” (Capuzes), “#Stereotyped” (Estereotipado) e “#WeWantJustice” (Nós Queremos Justiça).

Os anos seguintes também seriam decisivos para o estabelecimento do jogador como a voz mais poderosa no ativismo por parte dos atletas da NBA. Enquanto acumulava sucessos e conquistas dentro das quadras, James também demonstrava cada vez mais comprometimento com o debate político e os casos de violência que continuavam se repetindo na sociedade norte-americana. Em 2014, o caso supracitado de Eric Garner, asfixiado por policiais brancos em

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.espn.com/nba/news/story?id=3685154>

uma abordagem violenta, não passou despercebido por James que, ao lado do companheiro de equipe Kyrie Irving, e de quatro jogadores do Brooklyn Nets, time adversário, utilizou o período de aquecimento, antes do início da partida, para demonstrar seu descontentamento com a situação, através da camiseta que estampava os dizeres “I Can’t Breathe” (Eu não consigo respirar). O protesto atraiu um novo nível de atenção ao movimento Black Lives Matter, que começava a ganhar relevância ao redor do país.

Dois anos depois, além do poderoso discurso na premiação ESPY’s, James ofereceu forte apoio à candidatura de Hillary Clinton<sup>31</sup> à presidência pelo partido democrata, na disputa contra o candidato republicano, Donald Trump. A escolha pelo suporte a Clinton também foi motivo de críticas. O posicionamento adotado por James em relação à disputa presidencial foi, por exemplo, amplamente divergente de Colin Kaepernick, que demonstrou publicamente a falta de apreço por ambos os candidatos. Depois da vitória de Trump, o jogador se mostrou um ávido opositor do presidente durante o período de seu mandato.

Nesse contexto, um dos episódios mais notórios aconteceu em 2017. Trump estava envolvido em uma polêmica com outro jogador de imensa projeção midiática: Stephen Curry. Após um comentário do então presidente, dizendo que Curry não seria mais bem-vindo na Casa Branca, residência oficial da presidência estadunidense, James utilizou o Twitter para expressar sua indignação, defendendo o companheiro de profissão e definindo Trump como “vagabundo”. A postagem teve repercussão instantânea, e, como Williams (2021) ressalta, James sofreu ataques racistas, inclusive a partir de uma ofensa racista pichada no muro de sua casa, em Los Angeles. Depois, em 2018, sofreria novos ataques, desta vez por parte da jornalista Laura Ingraham, comentarista política da emissora conservadora Fox News. Ingraham proferiu uma das frases mais marcantes da trajetória do jogador e do ativismo no esporte em geral, sugerindo que ele “cale a boca e drible (shut up and dribble)”<sup>32</sup>.

A fala da jornalista também gerou revolta. James respondeu em entrevista, durante um final de semana de festividades tradicionais da liga, o All-Star Weekend (Final de Semana das Estrelas), pontuando que “a melhor coisa que ela fez foi me ajudar a criar mais consciência. Nós, definitivamente, não vamos calar a boca e driblar”. James ainda reconheceu mais uma vez a

---

<sup>31</sup> Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2016/10/02/politics/lebron-james-endorses-hillary-clinton/index.html>

<sup>32</sup> Disponível em:

<https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2018/02/19/587097707/laura-ingraham-told-lebron-james-to-shut-up-and-dribble-he-went-to-the-hoop>



importância de jogadores profissionais de basquete como exemplos de trajetórias bem-sucedidas para jovens que estavam inseridos em contextos delicados.

Ainda que extremamente relevante, o histórico ativista de James não se resume às declarações públicas e às demonstrações de apoio a movimentos sociais que lutam diariamente pelo direito da população negra nos Estados Unidos. Em 2018, o jogador fundou, em sua cidade natal, Akron, sua própria escola. A iniciativa, que tem o nome de “I Promise” (Eu prometo), foi criada com o objetivo de proporcionar uma educação de qualidade às crianças que eram classificadas como alunos de baixo rendimento escolar, e corriam o risco de não se formarem. A escola tem caráter público, sendo custeada pela fundação filantrópica comandada pelo atleta. Além disso, segundo o levantamento do New York Times<sup>33</sup> realizado em 2019, 60% dos estudantes eram negros, 15% estavam aprendendo o idioma inglês, língua nativa do país, e cerca de  $\frac{3}{4}$  do total se enquadravam nos pré-requisitos para receber assistência familiar do governo do estado de Ohio.

Todos os fatores citados fizeram com que James se estabelecesse como uma das principais vozes na luta pelos direitos dos negros nos Estados Unidos e no mundo. O jogador é um fenômeno global, que ultrapassou as barreiras do basquete e tornou-se conhecido em todo o mundo. Sua projeção midiática também alcança pessoas que estão além do território estadunidense. Em uma era de forte predominância das relações digitais, somada à facilidade de acesso às redes sociais digitais, podemos utilizar, como métrica que pode mensurar uma parte considerável do alcance de James, os números de seus perfis no Instagram<sup>34</sup> e Twitter<sup>35</sup>. Somando as duas plataformas, o jogador conta com mais de 209,8 milhões de seguidores. Para efeito de comparação, tanto no Twitter quanto no Instagram, James tem mais seguidores que o próprio perfil da liga.

James é bem-sucedido também em relação às finanças. Em junho de 2022, se tornou o primeiro jogador a atingir a marca de 1 bilhão de dólares em patrimônio enquanto ainda está em atividade na NBA. Na ocasião, ele já havia recebido mais de 385 milhões de dólares apenas com contratos profissionais. Segundo a Forbes, o atleta também faturou mais de 900 milhões de dólares em patrocínio e investimentos, como o acordo vitalício com a Nike, assinado em 2015, e que rende 10 milhões de dólares anuais. Entre os investimentos, estão a Spring Hill Company,

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/04/12/education/lebron-james-school-ohio.html>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/kingjames/>

<sup>35</sup> Disponível em: <https://twitter.com/KingJames>

produtora de filmes e televisão, e as ações no Fenway Sports Group, grupo de empresários que é dono de equipes de sucesso no cenário esportivo mundial, como o Liverpool, no futebol, e o Boston Red Sox, no beisebol<sup>36</sup>.

Toda a projeção midiática e os feitos de James no aspecto financeiro dependeram, obviamente, do sucesso obtido dentro das quadras. Um dos melhores jogadores da história do basquete, ele é atualmente cinco vezes campeão da NBA, e quatro vezes eleito melhor jogador do torneio. É também o maior pontuador da história da liga, com mais de 38 mil pontos. Diferentemente de nomes como Michael Jordan e Kobe Bryant, no entanto, LeBron James escolheu adotar posicionamentos públicos em relação à política e à questões sociais fortemente ligadas aos Estados Unidos, trilhando um percurso ativista que se fortificou e evidenciou ainda mais durante a disputa da bolha, em 2020.

#### 4.4. JAYLEN BROWN

Doze anos mais novo que LeBron James e, ainda trilhando um caminho relativamente recente na NBA, Jaylen Brown nasceu na cidade de Marietta, no estado da Georgia, a cerca de 33 quilômetros de Atlanta, local de nascimento de Martin Luther King Jr., um dos mais reconhecidos (se não o mais) ativistas da luta pelos direitos da população afro-americana, e presença fundamental no movimento dos direitos civis. Neto de uma ex-professora de escola pública e assistente social, o jogador contou com fortes influências educacionais desde os primeiros anos de sua vida, criado, ao lado de seu irmão Quenton, por uma mãe solteira, graduada na Universidade de Michigan.

Depois de dar seus primeiros passos no basquete em sua cidade natal, Brown se tornou um dos melhores jogadores do país durante o ensino médio. Seu talento naturalmente atraiu o interesse de diversas universidades, que oferecem bolsas de estudos integrais aos atletas que representam suas equipes nas disputas universitárias, que também contam com campeonatos organizados por federações nos Estados Unidos. Brown optou pela Universidade da Califórnia, em Berkeley. Apesar do sucesso no programa esportivo, com 36 jogadores (incluindo Brown) tendo jogado profissionalmente pela NBA, a universidade é ainda mais reconhecida por seu índice acadêmico, aparecendo na segunda colocação do ranking da Forbes em 2022. Quando nos

---

<sup>36</sup> Disponível em:  
<https://www.forbes.com/sites/chasewithorn/2022/06/02/lebron-james-is-officially-a-billionaire/?sh=606d509d453e>

atentamos apenas ao aspecto esportivo, Brown recebeu ofertas de programas de basquete mais consolidados historicamente, como Kentucky, North Carolina (Carolina do Norte), UCLA, Kansas e Michigan. Mesmo diante deste contexto, escolheu representar a Universidade de Berkeley.

Outro fator decisivo para a escolha foi a representatividade, mencionada anteriormente no trabalho. Sua preferência foi a de atuar sob os comandos de Cuonzo Martin, treinador negro. Brown demonstrava, já na escolha das disciplinas que realizaria, seu interesse por questões sociais e raciais. Para além da grade curricular necessária para que ele se tornasse elegível ao basquete profissional, o atleta se matriculou, no primeiro (e único) ano na universidade nas disciplinas de estudos afro-americanos, ministrada por um ex-membro do Comitê Estudantil de Coordenação Não-Violenta, no movimento dos direitos civis, e de estudos sobre pobreza global e minorias. Além disso, se tornou o primeiro calouro da Universidade de Berkeley a realizar o curso de graduação no curso de Fundamentos Teóricos para os Estudos Culturais em Esporte e Educação. Para tal, Brown contou com o apelo de atletas consagrados, e também com histórico ativista em Isiah Thomas e Shareef Abdur-Rahim. O último, ex-atleta da NBA, da Universidade de Berkeley, e conterrâneo de Brown, foi um dos principais recrutadores do atleta<sup>37</sup>.

A estadia de Brown na Universidade foi abreviada por um movimento comum de atletas estadunidenses na atualidade. Por uma série de fatores, como o receio de possíveis lesões e o anseio por um contrato que possa garantir rendimentos financeiros ainda antes dos 20 anos (por lei, o pagamento aos universitários não é permitido), jovens deixam as universidades logo após o primeiro ano da graduação, quando já se tornaram elegíveis para o recrutamento da liga e causaram impressões aos olheiros no torneio universitário. Esse também foi o caminho de Brown, que ingressou oficialmente na NBA em 2016, aos 19 anos, assinando o seu primeiro contrato profissional com o Boston Celtics.

Mesmo jovem para os padrões da liga, o jogador aproveitou as portas que foram abertas, principalmente, por LeBron James, e não demorou a se posicionar sobre as problemáticas sociais pelas quais demonstrou interesse desde o período universitário. Ainda antes do recrutamento, Brown participou de uma conferência na Universidade da Califórnia, onde prometeu aos estudantes que seria a voz deles em uma plataforma de enorme visibilidade. Dois anos depois,

---

<sup>37</sup> Disponível em:  
<https://theathletic.com/1847280/2020/06/01/hes-been-about-this-why-jaylen-brown-driving-5-hours-to-prot-est-is-who-he-is/>

em 2018, teceu críticas ao então presidente Donald Trump, gerando repercussão no debate sobre a democracia norte-americana. Em entrevista ao jornal inglês *The Guardian*<sup>38</sup>, Brown reconheceu o avanço dos direitos da população afro-americana nos últimos 50 anos, mas chamou a atenção para um problema que foi agravado, especialmente, após a eleição de Barack Obama: a crença de que as práticas racistas teriam chegado ao fim. O jogador destacou que o racismo “está escondido em lugares mais estratégicos. Você tem menos pessoas dizendo certas coisas na sua cara. Mas, Trump tornou muito mais aceitável que os racistas digam o que pensam”.

Na mesma entrevista, Brown ainda ofereceu uma visão nítida sobre uma questão que seria transformada anos depois, com a mensagem transmitida pelos jogadores para a realização da bolha. Ele caracteriza os esportes como um “mecanismo de controle”, e realça o potencial das competições de alto nível para alternar o foco entre outras questões mais importantes para a qualidade de vida das pessoas, como a pobreza e a fome. Como citado previamente, as condições postas pelos atletas para o retorno da temporada em Orlando seriam de extrema importância na tentativa de subverter esse significados produzidos em torno dos esportes.

Brown, inclusive, seria parte central dessa mudança. O sucesso dentro das quadras e o caminho trilhado até se consolidar como uma das referências da NBA no que tange ao ativismo, às demonstrações públicas de apoio à causas sociais, e ao diálogo sobre assuntos que desafiavam os paradigmas históricos da liga aconteceram quase que paralelamente. Em 2019, Brown concretizou um desejo que o acompanhava antes mesmo de se tornar profissional, quando foi eleito como vice-presidente da *National Basketball Players Association* (Associação de Jogadores da NBA), ou, como é popularmente conhecido, o sindicato dos jogadores da NBA. Aos 22 anos, tornou-se o atleta mais jovem a ocupar o cargo<sup>39</sup>. Desde então, cumpriu os três anos de incumbência e, em 2022, foi reeleito para um novo período de três anos na função.

A maior demonstração do engajamento de Brown com as pautas sociais viria, entretanto, em 2020, no período entre a paralisação da temporada, por conta da pandemia de Covid-19, e o início da bolha. Mais precisamente, no dia 30 de maio. Cinco dias após a morte de George Floyd, por asfixia, provocada pelo policial Derek Chauvin, que imobilizou Floyd pressionando o joelho contra seu pescoço por oito minutos. Brown dirigiu por 15 horas, de sua residência em Boston

---

<sup>38</sup> Original disponível em:

<https://www.theguardian.com/sport/2018/jan/09/jaylen-brown-boston-celtics-nba-interview>

<sup>39</sup>

Disponível

em:

<https://www.nba.com/celtics/news/sidebar/prac-022019-jaylen-brown-related-elected-nbpa-youngest-vice-president>

até Atlanta, capital do estado onde nasceu. Lá, o jogador organizou - através de suas redes sociais - e liderou um protesto pacífico contra a morte de Floyd. Ele foi acompanhado por Malcolm Brogdon, também jogador da NBA e nativo da Georgia, cujo avô marchou ao lado de Martin Luther King Jr. na época do movimento pelos direitos civis. Juntos, os atletas comandaram o protesto utilizando megafones e carregando cartazes que mostravam a frase “I Can’t Breathe” (eu não consigo respirar), últimas palavras ditas por Floyd antes de sua morte.

Na ocasião, enquanto bradava palavras de ordem e pedia justiça pela vida de mais um homem negro morto pela violência policial, Brown marcava seu nome na história. Não apenas do basquete, mas do ativismo pelo direito dos afro-americanos, participando ativamente das manifestações e utilizando sua plataforma para clamar pela atenção a um problema que continuava por assolar o país, ao mesmo tempo em que reafirmava sua existência como homem negro, e reforçava o direito de voz aos atletas, desconstruindo, na prática, a ideia de que jogadores devem se ater apenas aos esportes. Durante o protesto, Brown iniciou uma transmissão ao vivo em seu perfil no Instagram, evidenciando ainda mais as reivindicações do grupo com o qual se uniu durante os protestos.

Assim como LeBron James, ao passo em que continua ressignificando os conceitos de ativismo nos esportes, Brown também se consolidou como um dos principais nomes do basquete. Nas quadras, foi selecionado duas vezes para o jogo das estrelas e uma vez para o time ideal da temporada, premiação concedida aos jogadores pelo desempenho demonstrado durante o torneio. Além disso, segue se fortalecendo no aspecto comercial. Em julho de 2023, assinou o contrato de maior valor financeiro da história da NBA, em um acordo que tem duração de cinco anos e rendimentos totais de 304 milhões de dólares<sup>40</sup>. Nas redes sociais, seu alcance é igualmente inegável, somando mais de 4,5 milhões de seguidores em seus perfis no Instagram<sup>41</sup> e no Twitter<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.nba.com/news/jaylen-brown-2023-supermax-extension>

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/fchwpo/>

<sup>42</sup> Disponível em: <https://twitter.com/FCHWPO>

## 4.5. CORPUS DE ANÁLISE

### 4.5.1. Entrevista coletiva de LeBron James realizada em 23 de julho de 2020

Essa foi a primeira entrevista coletiva pós-jogo concedida por LeBron James já em Orlando, no complexo esportivo da ESPN. Na ocasião, o Los Angeles Lakers, equipe do atleta, havia disputado uma partida amistosa diante do Dallas Mavericks, uma semana antes do retorno oficial da temporada. James abriu a entrevista com uma fala sobre Breonna Taylor, onde reforçava seu posto como uma das lideranças da NBA e demandava justiça pela morte da mulher.

Breonna Taylor era uma mulher negra, de 26 anos, que foi morta a tiros pela polícia em 13 de março de 2020. Os policiais invadiram o apartamento de Taylor para cumprir um mandado de busca e apreensão contra o namorado dela, Kenneth Walker III. Quando os oficiais entraram no local, o casal estava no quarto, e não reconheceu a chegada da polícia. Pensando que poderiam ser assaltantes, Walker atirou contra os policiais quando eles arrombaram a porta. A resposta dos oficiais foi violenta, e resultou na morte de Taylor, que também foi alvo dos disparos.

A temporada da NBA havia sido paralisada dois dias antes do caso Breonna Taylor. Mesmo mais de quatro meses depois, LeBron James utilizou o espaço da entrevista coletiva, quando representantes dos principais veículos de comunicação dos Estados Unidos estavam presentes para relembrar o assassinato da jovem e clamar por justiça, citando também a família de Taylor. Após a declaração inicial de James, na primeira pergunta da entrevista coletiva, uma jornalista observou a dificuldade na transição entre os temas, e fez uma pergunta sobre a energia dos jogadores durante a partida, e o que esse retorno das competições significava para os jogadores.

A resposta de James foi objetiva, declarando que “a mesma energia que tivemos em quadra é a mesma energia que estamos direcionando para ter justiça por Breonna Taylor e sua família”. Já no primeiro minuto da entrevista, o jogador demonstra a coerência entre o discurso e as reivindicações dos jogadores antes da retomada dos jogos, transformando o basquete e toda a atenção relacionada ao esporte em uma poderosa ferramenta de manifestação, subvertendo seu caráter unicamente de entretenimento e de distração.

Na sequência, compreendendo o teor das falas de James e a inclinação do jogador a discutir as questões de violência policial, um jornalista resgata o histórico ativista do atleta e questiona sobre a sensação de James ao ser um exemplo de liderança da NBA no quesito,

utilizando como exemplo o posicionamento adotado no caso do assassinato de Trayvon Martin. Ao longo da coletiva, o jogador também ressalta a ação violenta e imprudente dos policiais, e destaca a importância da bolha como uma oportunidade de voz para jogadores que até então não haviam se manifestado em relação aos assuntos políticos, tanto por motivo de receios pessoais quanto pela menor visibilidade quando comparado ao próprio James.

Eu penso que a maior coisa que pode sair disso são os caras, nessa bolha, que podem ou não ter sentido medo em algum momento, de falar sobre essas coisas, porque eles pensaram que poderia afetar o modo como as pessoas os enxergam. Ou afetar em outra situação, em que eles digam ‘eu não sou LeBron, eu não posso fazer isso, ele pode subir lá e falar, talvez afete algo que está acontecendo na minha vida’, mas, essa oportunidade de perceber que não é assim, porque é uma época em que estamos sendo ouvidos. (LeBron JAMES, 23 de julho de 2020).

Por fim, James traça também um panorama entre sua visão da sociedade estadunidense em 2016 e a visão do momento da entrevista, quatro anos depois. Questionado sobre sua opinião em relação ao progresso conquistado no período, em relação ao espaço de fala de jogadores e a atenção recebida pelas manifestações contrárias aos atos de violência policial ao redor do país, o atleta prefere direcionar a resposta ao quadro geral, ressaltando que, em 2016, Barack Obama era o presidente, e, quatro anos depois, o presidente do momento colecionava polêmicas e declarações preconceituosas. Mesmo sem citar o nome de Donald Trump, James deixava nítida sua percepção de que a eleição de Trump e o cenário político representavam um retrocesso para a democracia do país.

Depois da crítica indireta, James salienta a importância das discussões, da possibilidade de direcionar a atenção de diversas pessoas ao problema, e de fazer com que elas ouçam o que está sendo dito e conversem sobre as injustiças raciais nos Estados Unidos. Na última pergunta, uma repórter questiona quais mudanças James gostaria de ver nos cidadãos americanos na intenção de tornar o país um lugar melhor, e o jogador volta a ressaltar a importância da comunicação e do diálogo. No total, a entrevista coletiva teve a duração de 11 minutos e 22 segundos. Apenas uma pergunta foi relacionada à partida que havia sido disputada minutos antes, e, pouco mais de 30 segundos das falas de James ou dos jornalistas não tiveram relação com debates sociais que envolviam questões políticas, raciais e de violência policial.

<b>Temática</b>	<b>Quantas vezes aparece</b>
Voto/Eleições	1
Sistema/Sociedade/Mudança	1
Comunidade negra	4
Polícia	2
Justiça	3
Plataforma	0
Ataque/Defesa/Jogo	1

**Quadro 1:** Classificação de temáticas 23/07/2020

#### **4.5.2. Entrevista coletiva de LeBron James realizada em 03/08/2020**

Essa entrevista aconteceu após uma vitória do Los Angeles Lakers diante do Utah Jazz, com um resultado que garantiu a primeira colocação da conferência oeste à equipe de LeBron James. Contudo, o basquete também foi o assunto menos comentado na ocasião. Na primeira pergunta, um jornalista lembrou o fato de que James estava usando uma camiseta em homenagem a George Floyd antes da partida, e questionou se o jogador já havia assistido os novos vídeos que haviam sido divulgados nas redes sociais sobre a morte de Floyd.

James confessou que ainda não havia assistido as filmagens, mas novamente dedicou apoio à família de Floyd e pediu justiça pelo homem, assassinado pela polícia na cidade de Minneapolis, estado de Minnesota. O atleta ainda ofereceu uma analogia sobre uma situação vivida nos protestos dentro das quadras, que evidenciou ainda mais a ação desproporcional e violenta dos policiais. Ele lembrou que, na partida diante do Toronto Raptors, todos os jogadores se mantiveram ajoelhados durante a execução dos hinos nacionais dos Estados Unidos e do Canadá. Segundo James, o protesto durou cerca de quatro minutos, e os atletas tiveram que trocar o joelho que estava em contato com o chão por conta de dores. Depois, questionou a atitude do policial Derek Chauvin, que permaneceu com o joelho pressionado sobre o pescoço de Floyd por oito minutos e 42 segundos, reforçando que ninguém deveria perder sua vida daquela maneira, especialmente em uma situação onde o uso de força foi evidentemente desproporcional.

Ao longo da entrevista, James menciona sua vontade de estar ao lado da comunidade negra dos Estados Unidos nas manifestações que aconteciam não só no país, mas em todo o



mundo. Ao mesmo tempo, enaltece a oportunidade promovida pela estratégia da bolha, e a eficiência que o discurso dos jogadores poderia ter naquele cenário. Assim como na primeira entrevista selecionada, o jogador volta a lembrar as conversas entre os jogadores sobre a retomada da temporada, e discorre sobre as verdadeiras intenções dos atletas naquele momento.

Houveram tantas conversas sobre a bolha, sobre a gente jogando basquete, que tiraria o foco dos assuntos principais... eu penso que tem sido absolutamente o contrário disso. Tem nos dado a oportunidade de, todos os dias, falar sobre, sentirmos a emoção de o que quer que esteja acontecendo nas nossas vidas pessoais, o que quer que esteja acontecendo na sociedade, sobre como estamos tentando realizar mudanças, sendo dinâmicos e sendo ouvidos, e usando essa plataforma, que é a NBA, o jogo mais popular do mundo. (LeBron JAMES, 3 de agosto de 2020).

A entrevista coletiva em questão teve a duração total de nove minutos e dois segundos. Deste tempo, apenas duas perguntas não foram relacionadas às questões sociais e raciais, e em só 42 segundos James falou sobre a partida ou sobre um assunto estritamente relacionado à prática do basquete.

<b>Temática</b>	<b>Quantas vezes aparece</b>
Voto/Eleições	1
Sistema/Sociedade/Mudança	1
Comunidade negra	2
Polícia	1
Justiça	0
Plataforma	2
Ataque/Defesa/Partida	2

**Quadro 2:** Classificação de temáticas 03/08/2020

#### **4.5.3. Entrevista coletiva de LeBron James realizada em 24/08/2020**

Na totalidade do material selecionado, esse é, definitivamente, o recorte em que James adota um discurso mais potente e objetivo. A entrevista coletiva foi realizada após um jogo entre Los Angeles Lakers e Portland Trail Blazers. No dia anterior, Jacob Blake havia sido baleado pela polícia em Kenosha, no Wisconsin. As palavras do jogador precederiam o boicote realizado no dia seguinte pelos jogadores de Milwaukee Bucks e Orlando Magic, e que seguiria nos

próximos dias, como forma de protesto aos diversos casos de violência policial que aconteciam, especialmente, durante o ano de 2020.

James responde às três primeiras perguntas da entrevista, todas relacionadas à partida, demonstrando pouca ou nenhuma empolgação, mesmo depois de uma vitória que colocou sua equipe em posição de avançar à segunda rodada do torneio. Na pergunta seguinte, uma repórter direciona o debate ao episódio vivido por Blake e, já em sua primeira declaração em relação ao assunto, o jogador contesta as ações da polícia, defendendo a ideia de que, a partir da visualização das filmagens, fica evidente que o homem poderia ser imobilizado sem que houvesse a necessidade da utilização de armas de fogo. Ele continua a falar questionando o comportamento dos oficiais, buscando entender a motivação para que todos os conflitos envolvendo a polícia e os cidadãos afro-americanos quase que obrigatoriamente atinjam o ponto em que os policiais disparam as armas na direção desses cidadãos. James volta a chamar a atenção para este problema, utilizando um termo obscuro para descrever a situação, e enfatizando o quanto situações como essa afetam a comunidade afro-americana.

Visivelmente abalado, James não faz questão de esconder sua frustração diante de mais um caso de violência policial, afirmando, mais de uma vez, que suas emoções estavam por toda parte. Quando questionado sobre a dificuldade de entrar em quadra e disputar uma partida competitiva da maior liga de basquete do mundo, enquanto situações como a de Blake continuavam acontecendo, o atleta voltou a ressaltar que seu foco não estava apenas no basquete, confessando que, mesmo em um dia onde a alegria e as comemorações deveriam prevalecer, ele não conseguia comemorar e aproveitar uma vitória nos playoffs, momento de mais alto nível e de maior exigência da modalidade. Assim como aconteceu na entrevista anterior, James voltou a destacar a importância do voto nas eleições presidenciais de novembro de 2020, principalmente dentro da comunidade afro-americana.

Nós queremos mudanças. Como uma comunidade, nós realmente queremos mudanças, e não acabará em novembro, mas, começará lá. Começará lá e nós temos que manter o pé no acelerador mesmo se conseguirmos o que queremos, porque nós ainda precisamos de mais. O que nós estamos recebendo? Porque, nesse momento, o que está acontecendo, não está ok. E eu espero continuar inspirando minha comunidade, inspirando comunidades ao redor da América, inspirando a comunidade negra. (LeBron JAMES, 24 de agosto de 2020).

James mencionou ainda a fundação “More Than A Vote” (Mais que um voto), criada pelo próprio jogador, ao lado de atletas e artistas afro-americanos, incluindo outros jogadores da NBA, como Trae Young, Damian Lillard, Kyle Lowry e Jaylen Brown<sup>43</sup>. A iniciativa busca incentivar o exercício do voto nas comunidades afro-americanas, garantindo também locais geograficamente mais acessíveis de votação a essas comunidades.

Durante a entrevista, o jogador voltou a encorajar a participação dos companheiros de profissão nos debates sobre as injustiças raciais e mudanças necessárias na sociedade, destacando, por várias vezes, a plataforma disponível como atleta de alto nível, reconhecendo a potência do alcance midiático de suas figuras. Na pergunta final, um repórter questionou as expectativas de James sobre possíveis reformas sociais e judiciais no país e a conduta dos policiais. Em resposta, James novamente direcionou o debate ao problema enfrentado pelos Estados Unidos em relação às armas de fogo, contestando o comportamento da polícia nas abordagens às pessoas afro-americanas. No fim, a entrevista coletiva teve uma duração total de 14 minutos e 15 segundos. Desses, apenas três minutos e cinco segundos foram dedicados a questionamentos sobre basquete e sobre a partida que acabara de ser disputada.

<b>Temática</b>	<b>Quantas vezes aparece</b>
Voto/Eleições	1
Sistema/Sociedade/Mudança	1
Comunidade negra	5
Polícia	3
Justiça	0
Plataforma	0
Ataque/Defesa/Partida	2

**Quadro 3:** Classificação de temáticas 24/08/2020

#### **4.5.4. Entrevista coletiva de Jaylen Brown realizada em 28/07/2020**

---

<sup>43</sup> Disponível em:  
<https://theathletic.com/4222791/2021/03/04/lebron-james-more-than-a-vote-to-launch-campaign-during-nba-all-star-weekend/>

Assim como aconteceu com LeBron James, a participação de Jaylen Brown em sua primeira entrevista coletiva na bolha foi marcada por muitas palavras de apoio à família de Breonna Taylor, e por pedidos de justiça pela morte da mulher. A conferência foi realizada depois de uma partida amistosa entre Boston Celtics, equipe que o jogador defende, e Houston Rockets. Antes mesmo de responder à primeira pergunta, Brown fez um discurso potente sobre a importância do voto, para todas as pessoas, mas, especialmente nas comunidades afro-americanas. Ele destacou a relevância das escolhas também para os cargos representativos dos estados e outros oficiais, para além da disputa na presidência. Mais que isso, Brown criticou promessas vazias de representantes políticos para as comunidades afro-americanas, e tocou em pontos como o racismo sistemático.

Depois, questionado se já havia escolhido a frase de protesto que estamparia nas costas de sua camisa durante os jogos, Brown criticou a escolha da NBA em disponibilizar uma lista pré-definida de frases e palavras permitidas aos jogadores. Como citado anteriormente neste trabalho, a instituição demonstrou apoio ao ceder um espaço para que os jogadores pudessem se manifestar mesmo durante as partidas, mas, cerceou a liberdade dos mesmos quando não autorizou que definissem suas escolhas de maneira individual. Todavia, o atleta explicou a sugestão da palavra “Liberation” (Libertação), aprovada pela NBA, explicando que entende o termo como a liberdade de qualquer forma de opressão, escravidão ou marginalização.

Ao longo da entrevista, Brown destacou que os jogadores do Boston Celtics haviam concordado em organizar protestos de caráter coletivo, como forma de representar a comunidade afro-americana que também buscava justiça e igualdade ao redor do país. Perguntado sobre um possível apoio a determinados candidatos, o jogador reforçou o incentivo ao exercício do voto, evitando utilizar a plataforma como forma de propaganda eleitoral, ao mesmo tempo em que ratificou a importância de analisar as propostas e da consciência do poder de decisão das pessoas que ocupam cargos de responsabilidade na esfera política.

O atleta fez críticas indiretas a Donald Trump, também sem citar o nome do então presidente, e confessou que diversos jogadores da NBA haviam se reunido em uma chamada virtual com Tamika Palmer, mãe de Breonna Taylor, para oferecer apoio pela morte da filha e debater sobre as mensagens que deveriam ser passadas nas manifestações realizadas pelos

atletas. Brown elucidou um aspecto importante ao mencionar as injustiças e ataques sofridos pelas mulheres afro-americanas, adicionando as questões de gênero ao debate racial. Por fim, realizou um resgate histórico ao abordar problemas históricos da sociedade estadunidense, enfatizando as desigualdades que fazem parte da própria construção do país. Com duração total de 11 minutos e 59 segundos, a entrevista, em nenhum momento, teve a prática do basquete como assunto.

<b>Temática</b>	<b>Quantas vezes aparece</b>
Voto/Eleições	4
Sistema/Sociedade/Mudança	4
Comunidade negra	8
Polícia	1
Justiça	2
Plataforma	2
Ataque/Defesa/Partida	0

**Quadro 4:** Classificação de temáticas 24/07/2020

#### **4.5.5. Entrevista coletiva de Jaylen Brown realizada em 17/09/2020**

A entrevista em questão aconteceu depois da partida entre Boston Celtics e Miami Heat, válida pelas finais da conferência leste dos playoffs. Na segunda pergunta, uma repórter cita um acordo firmado pelo estado do Kentucky e a família de Breonna Taylor, que rendeu uma indenização de 12 milhões de dólares aos familiares da vítima. Brown responde que não se sentia melhor ou pior com a informação, mas destaca que a situação de Taylor representa não apenas ela e a família, mas também “outras pessoas que são vítimas de um sistema orquestrado para oprimir pessoas afro-americanas”. Depois, admite que a indenização é um passo importante para a família de Taylor, mas, que o debate deve ser ampliado e pensado a partir do próprio modelo de constituição do país.

Na pergunta seguinte, Brown volta a demonstrar apoio às mulheres afro-americanas, novamente salientando o aspecto do gênero na discussão racial, reforçando também que os problemas descritos são muito mais relevantes que o basquete, e deveriam ser de importância de

todos. A duração total da entrevista coletiva foi de nove minutos e 47 segundos. Destes, cerca de quatro minutos e 26 segundos foram dedicados a questionamentos e respostas sobre Breonna Taylor e as questões sociais implícitas na temática. Mesmo depois de um jogo que representava a fase semifinal do torneio, em quase metade do tempo da conferência o assunto principal foram aspectos políticos e sociais.

<b>Temática</b>	<b>Quantas vezes aparece</b>
Voto/Eleições	0
Sistema/Sociedade/Mudança	2
Comunidade negra	1
Polícia	0
Justiça	0
Plataforma	0
Ataque/Defesa/Partida	5

**Quadro 5:** Classificação de temáticas 17/09/2020

#### **4.5.6. Entrevista coletiva de Jaylen Brown em 24/09/2020**

Na última entrevista selecionada no material, também realizada depois de uma partida entre Boston Celtics e Miami Heat, Brown é questionado sobre o resultado do julgamento dos policiais que participaram do assassinato de Breonna Taylor. Nenhum dos oficiais foi condenado pelo crime. Visivelmente emocionado, o jogador afirma que a decisão não foi uma surpresa, e volta a ressaltar os argumentos anteriormente utilizados em outras coletivas, criticando a atuação das instituições dos poderes judiciais e executivos, e propondo mudanças no sistema político estadunidense. A entrevista teve duração total de sete minutos e 22 segundos, sendo um minuto e 31 segundos dedicados ao debate sobre Taylor e o resultado do julgamento.

Temática	Quantas vezes aparece
Voto/Eleições	0
Sistema/Sociedade/Mudança	1
Comunidade negra	0
Polícia	1
Justiça	0
Plataforma	0
Ataque/Defesa/Partida	6

**Quadro 6:** Classificação de temáticas 24/09/2020

#### 4.6. FORMAÇÃO COMO HOMENS NEGROS E CONSCIÊNCIA DE CLASSE

O processo de identificação racial nos Estados Unidos segue uma lógica que perpassa as particularidades do próprio percurso histórico do país, desde a colonização, passando pela independência, guerra civil, segregação, até os dias atuais. Como é de se imaginar, esse processo se difere do que acontece em outras nações, como, por exemplo, o Brasil. Assim, Sílvio de Almeida define as dessemelhanças entre os modos de classificação racial dos países citados:

No Brasil, além da aparência física de ascendência africana, o pertencimento de classe explicitado na capacidade de consumo e na circulação social. Assim, a possibilidade de “transitar” em direção a uma estética relacionada à branquitude, e manter hábitos de consumo característicos da classe média, pode tornar alguém racialmente branco. O mesmo não acontece nos Estados Unidos, cujo processo de classificação racial no bojo do processo de formação nacional conduziu o país a uma lógica distinta no que se refere à constituição identitária. A *one drop rule*, que significa “regra de uma gota de sangue”, faz com que aqueles com “sangue negro”, sejam assim considerados. (ALMEIDA, 2019)

Quando observamos o fenômeno descrito pelo autor sob as lentes do ativismo nos esportes, apenas a explicação acerca das diferenças entre a forma como se dá a classificação racial nos dois países poderia ser suficiente para a criação de hipóteses sobre a majoritária ausência de posicionamentos políticos no cenário esportivo brasileiro, em comparação com as manifestações que historicamente ocorreram no cenário esportivo estadunidense.

Nesse contexto, um dos aspectos congruentes nas declarações presentes nas entrevistas coletivas de LeBron James e Jaylen Brown está diretamente relacionado com as noções de

classificação racial apresentadas. Dessa forma, nos dois casos, tanto James quanto Brown demonstram enorme consciência de classe, ajudando a desconstruir dois estereótipos que há tempos acompanham atletas, especialmente afrodescendentes. O primeiro, já citado anteriormente neste trabalho, menospreza o intelecto dos esportistas, assumindo que estes devem se ater às práticas esportivas, visto que, dentro dessa concepção, apenas seus atributos físicos os definiriam como seres humanos e mesmo como competidores de alto nível. O segundo, ainda muito presente nos Estados Unidos e também no Brasil, denotam que atletas que alcançaram um patamar financeiro inimaginável à pessoas que antes pertenciam a classes historicamente desfavorecidas na sociedade passam a não se importarem com a realidade vivida por esses grupos, ou até mesmo esquecê-las.

A partir da análise do material selecionado, podemos observar que os jogadores reforçam, em todos os seus discursos, a sensação de pertencimento a esse grupo, reivindicando suas identidades como homens afro-americanos, e reconhecendo a potencialidade do lugar de destaque que ocupam no corpo social, proporcionada pelo sucesso esportivo, mas não necessariamente submissa a ele. Assim, contrariam a ideia de dissociação de um espaço compartilhado por familiares, amigos, e mesmo pessoas desconhecidas. James destaca esse aspecto nos minutos iniciais da primeira entrevista.

Eu nunca me esquivei de ser quem eu sou e de falar sobre coisas que não apenas me afetam, que me atingem fortemente, mas também afetam minha comunidade e afetam pessoas negras, porque nós passamos por muita coisa. Eu vi um vídeo hoje, de um homem negro dentro de um Walmart ou Target, tanto faz, tentando comprar uma bicicleta para o seu filho, e chamaram a polícia para ele. Ele tinha recibo, e os policiais foram chamados e prenderam ele dentro da loja, e levaram ele para fora. Quero dizer, é de partir o coração. Vocês não entendem. A não ser que você seja uma pessoa de cor, vocês não entendem. Eu entendo que vocês podem sentir por nós, mas vocês nunca entenderão verdadeiramente o que é ser negro na América. (LeBron James, 24 de julho de 2020).

A fala de LeBron James evidencia a visão deste sobre seu próprio papel como parte desse grupo social marginalizado, como um homem que, mesmo tendo alcançado uma projeção midiática global, se tornado um dos atletas mais influentes da história do esporte, conquistado uma fortuna bilionária e ocupado espaços que a grande maioria da população jamais irá frequentar, ainda é capaz de sentir as injustiças sofridas cotidianamente por homens e mulheres afro-americanos ao redor dos Estados Unidos. James rejeita a comodidade de um posto que outrora foi ocupado por Michael Jordan, Kobe Bryant, como símbolos do basquete



norte-americano, ao se manifestar diante de práticas discriminatórias que estão escancaradas em sua frente, se inserindo no debate e estabelecendo sua posição de liderança vocal frente a um grupo que foi historicamente oprimido e silenciado. Na resposta seguinte, perguntado sobre a oportunidade de estabelecer um debate sobre o racismo durante a realização da bolha, período em que o assunto foi frequentemente abordado em todo o país, pelos meios de comunicação e através da repercussão dos protestos organizados pelo Black Lives Matter, o jogador reafirma novamente que tais questões são inerentes a sua própria identidade, por toda sua vivência como cidadão afro-americano.

Eu não vou acordar e dizer: ‘ok, vamos usar a bolha como uma oportunidade para falar sobre nós, como pessoas de cor’. É apenas o que eu sou, é quem eu sou, é o que eu defendo, você sabe? Eu tenho três crianças negras em casa, minha esposa negra está em casa, minha mãe é negra, eu venho de uma família monoparental, sendo o filho único. Então, me desculpe, mas não, eu não precisava dessa bolha para falar sobre o que eu sou. Isso é quem eu sou. (LeBron James, 24 de julho de 2020)

Ainda ao longo da entrevista, James evidencia o conhecimento sobre a posição de exemplo e liderança conquistadas a partir do espaço que ocupa, e revela a intenção de influenciar as pessoas que representa de maneira positiva.

Eu racionalizo e penso sobre isso todos os dias, você sabe. O que vem a seguir, o que eu posso fazer a seguir para causar um impacto na nossa comunidade, não apenas para o meu povo, mas para a América em geral. (LeBron James, 24 de julho de 2020)

Quando questionado sobre a importância da presença de Allison Feaster na bolha, ex-jogadora profissional da WNBA e atualmente funcionária do Boston Celtics, como um elo entre a NBA e a equipe, e também como embaixadora cultural<sup>44</sup>, Jaylen Brown ofereceu uma visão igualmente elucidativa sobre o dilema vivido por jogadores que optam por se posicionar e sobre toda a questão de pertencimento e identidade supracitada:

Às vezes é difícil para os jogadores se expressarem. São muitas emoções envolvidas com a comunidade, tem muitas emoções que envolvem como eles se sentem e coisas assim. E muitos de nós sofremos reações adversas por falarmos. Porque estamos em lugares privilegiados, mas a maioria de nós veio de começos humildes. Então, só porque alcançamos esse lugar de privilégios deveríamos esquecer de nossos parentes, nossos amigos, pessoas na nossa comunidade que cresceram ao nosso redor? É injusto. Você sabe, é interessante como nós somos mantidos em um determinado padrão, mas alguns políticos e certos presidentes não são. Então, eu quero continuar usando minha plataforma para falar positivamente sobre coisas que eu vejo na minha comunidade, e continuar sendo voz daqueles que são silenciados. (Jaylen Brown, 28 de julho de 2020).

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.harvardmagazine.com/2022/11/feature-allison-feaster>

A partir das declarações em questão, podemos observar que ambos os jogadores reafirmam suas identidades nos caracteres individual e coletivo. Através do posicionamento, das falas em tom de protesto, dos pedidos de justiça, James e Brown intencionalmente rechaçam o pedestal de celebridade mundial, abandonam suas posições de fenômenos comerciais e se aproximam novamente do cidadão comum. Esse movimento acontece ao mesmo tempo em que os atletas reconhecem, por diversas vezes, o alcance de suas vozes e a oportunidade de ecoar as manifestações de grupos oprimidos a um novo nível de repercussão e atenção. Brown relembra, em diferentes entrevistas, da chamada virtual realizada por ele e outros jogadores da NBA à mãe de Breonna Taylor, Tamika Palmer. Em outra resposta, sobre o motivo de tantas menções ao caso de Taylor por parte dos atletas, ele cita seu próprio núcleo familiar, e fala sobre a mãe, as tias, as sobrinhas, mulheres negras que, dado o histórico de violência contra pessoas afro-americanas e as próprias nuances do caso citado, poderiam ter o mesmo destino de Taylor. O atleta também reforça esse posicionamento ao explicar suas intenções pessoais e de todo o elenco do Boston Celtics sobre a postura adotada em relação ao ativismo.

Estamos apenas animados e conversando. Como um time, ainda estamos pensando muito nisso, e nada está completamente definido. Definitivamente, nós queremos nos expressar em uníssono, juntos, porque é isso que nós somos. Nós somos uma família, uma irmandade, então, muitas conversas, muitas conversas e discussões ainda estão indo e voltando. Espero que as pessoas entendam, o que quer que seja a gente decida fazer vem de um lugar em que possamos representar nossa comunidade e as pessoas que se sentem da mesma maneira. (Jaylen Brown, 28 de julho de 2020)

Quando, mesmo antes de ser perguntado sobre o assunto, Brown utiliza o espaço de uma entrevista coletiva, assistida e documentada por diversos torcedores e profissionais da imprensa, para clamar por justiça e denunciar desigualdades sociais, ele se aproxima do coletivo de luta da mesma forma como fez quando comandou protestos organizados em seu estado natal, na Georgia. O mesmo acontece com LeBron James, que, em determinado momento, questiona até mesmo a existência do Black Lives Matter como movimento social. Para ele, deveria ser entendido como um estilo de vida, do qual toda a comunidade afro-americana passa a fazer parte desde o nascimento. Para Williams (2021), os atletas participantes da bolha da NBA redefiniram o conceito de ativismo no esporte, e a afirmação de identidade é parte importante desse contexto. Ele define:

Nenhuma quantia de dinheiro pode remover as políticas sociais do corpo negro, e atletas ricos que eles entendem completamente esse recurso. Como tal, é impossível separar as experiências de atletas negros das grandes lutas e da situação das pessoas de cor nesse

país. Atletas profissionais negros podem ter mais dinheiro que a maioria (tragicamente, exceto as jogadoras da WNBA), mas eles continuam sendo atletas negros e isso é acompanhado por todas as políticas sociais em torno do corpo negro. (Williams, 2021).

Assim, podemos afirmar que, através da postura adotada nas entrevistas coletivas, LeBron James e Jaylen Brown demonstraram plena consciência dessas lutas e, ainda mais, criaram o debate em torno de tais questões e se inseriram no cerne do problema.

#### 4.7. O INCENTIVO AO VOTO COMO AÇÃO TRANSFORMADORA

Em meio aos debates sobre as desigualdades sociais levantados pelos jogadores e ao próprio contexto temporal de realização da bolha, iniciada em julho e encerrada em 11 de outubro, menos de um mês antes das eleições presidenciais dos Estados Unidos, questões políticas emergiram nas declarações dos atletas em diversas plataformas, tanto através de nomes que participaram da retomada da temporada quanto pelos que não fizeram parte dos jogos disputados em Orlando<sup>45</sup>. Nas entrevistas coletivas, LeBron James e Jaylen Brown recorrem ao tema em diversos momentos, com a intenção de motivar, especialmente os cidadãos afro-americanos, a exercerem o direito ao voto. No que diz respeito ao material selecionado, as temáticas referentes ao voto, às instituições políticas e à situação de momento na presidência são abordadas pelos dois jogadores em questão em um total de oito vezes, em sete respostas distintas. Em alguns casos, como o da entrevista coletiva de Brown em 28 de julho de 2020 e a de James em 3 de agosto de 2020, o voto aparece como ponto central de toda a resposta.

Como padrão em países que lidam, desde o processo de seus descobrimento, com as mazelas da colonização e da escravidão, o direito ao voto nos Estados Unidos também foi conquistado através de lutas políticas por parte da comunidade negra. Homens afro-americanos garantiram o direito de cidadania em 1868, enquanto as mulheres afro-americanas só passaram a exercer o voto a partir de 1965, com as leis que resultaram das manifestações originárias do Movimento dos Direitos Civis. A mesma legislação que garantiu às mulheres o direito ao voto, proibiu também as políticas públicas excludentes como a que permitia a cidadania apenas aos cidadãos afro-americanos alfabetizados, método que inviabilizava a participação dos negros nas

---

<sup>45</sup> Stephen Curry, jogador do Golden State Warriors, não disputou as partidas da bolha, mas também foi um dos jogadores que se manifestaram em apoio ao exercício do voto. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/sports/2020/08/21/stephen-currys-endorsement-joe-biden-natural-step-nba-stars-political-progression/>

eleições, principalmente, nos estados localizados na região sul do país. Segundo dados do site da Biblioteca do Congresso<sup>46</sup> norte-americano, após a implementação das novas leis, o percentual do eleitorado negro no país passou de 33% em 1965 para 61% em 1969.

Mais de 40 anos depois, as eleições presidenciais de 2012, que resultaram na reeleição de Barack Obama para o segundo mandato, registraram um recorde de participação dos eleitores afro-americanos, com 66,6% votantes em relação ao eleitorado total. Todavia, nas eleições de 2016, a participação de eleitores negros sofreu sua primeira queda em 20 anos, e a maior queda percentual da história, passando a registrar 59,6% do eleitorado total<sup>47</sup>. Mesmo com rejeição esmagadora da população afro-americana, e obtendo apenas 8% dos votos (contra 88% da candidata democrata Hillary Clinton) dos eleitores negros<sup>48</sup>, Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos. Como podemos observar a partir de McManus, Cullen, Johnson, Burton e Burton Jr. (2019), a retórica discriminatória de Trump e o incentivo ao uso de práticas violentas por parte das forças policiais em seus discursos foram alvo de preocupação para a maioria dos afro-americanos no país.

Neste contexto, como sugerem as menções indiretas de LeBron James e Jaylen Brown ao então presidente, a candidatura de Trump à reeleição pelo Partido Republicano impulsionou os esforços dos jogadores a fim de reverter o quadro observado nas eleições de 2016. Na entrevista coletiva realizada em 28 de julho de 2020, Brown mencionou, em cinco ocasiões, a importância do voto para as comunidades afro-americanas, evidenciando sua intenção em utilizar aquele espaço de fala para transformar o exercício do voto em uma ação recorrente, antes mesmo de responder à primeira pergunta destinada a ele na entrevista.

Eu quero encorajar pessoas na minha comunidade a voltarem, não apenas nas eleições presidenciais, mas também representantes do estado e oficiais eleitos e etc. Eu penso que há muito poder em se reunir e votar, especialmente na comunidade negra. Políticos fizeram muitas propostas vazias para a comunidade negra, ano após ano, e eles pensam que isso é ok e aceitável, e não é. Então, eu quero enfatizar que nós continuemos votando, temos que nos unir, usar nosso poder, utilizá-lo da maneira certa. E eu quero

---

<sup>46</sup> Disponível em:

<https://www.loc.gov/classroom-materials/elections/right-to-vote/voting-rights-for-african-americans/>

<sup>47</sup> Disponível em:

<https://www.pewresearch.org/short-reads/2017/05/12/black-voter-turnout-fell-in-2016-even-as-a-record-number-of-americans-cast-ballots/>

<sup>48</sup> Disponível em:

<https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/11/09/behind-trumps-victory-divisions-by-race-gender-education/>

inspirar pessoas em Marietta, na Georgia, de onde eu sou, Grinett County, Dekalb County, Boston, Massachusetts, Dorchester, Roxbury, Oakland, East Oakland, West Oakland, quem e onde quer que minha influência chegue, eu quero que as pessoas continuem votando(Jaylen Brown, 28 de julho de 2020).

Ainda durante a mesma entrevista, Brown é questionado sobre sugestões de possíveis candidatos, e opta por não citar o nome de nenhum candidato. O atleta reforça que as escolhas devem ser feitas a partir das preferências pessoais de cada indivíduo, mas volta a ressaltar a importância do voto para mudar políticas nocivas. Dessa forma, Brown transmite o apelo de maneira evidente, sem a necessidade de se comprometer com nomes específicos, evitando repercussões sobre um ato que poderia ser encarado como propaganda eleitoral. Ao mesmo tempo, o jogador intercala, em alguns momentos, os pedidos de justiça por Breonna Taylor e as declarações de incentivo ao voto, inferindo sobre a relevância do exercício da cidadania para que políticas públicas relacionadas à forma de atuação da polícia possam ser modificadas.

Algumas pessoas na América estão dizendo ‘ah, tudo bem, ela morreu, mas a polícia estava fazendo o trabalho dela’ e esse não é um momento em que está ‘tudo bem’ para nós, então, vamos continuar enfatizando os pedidos de justiça por Breonna Taylor, e eu vou continuar enfatizando o voto, especialmente na comunidade negra, utilizando nosso poder para nos unirmos pelo que acreditamos. Não vou ficar quieto. (Jaylen Brown, 28 de julho de 2020).

Em relação ao mesmo assunto, James adota uma postura similar a de Brown. Como mencionado anteriormente, o atleta foi um dos criadores do projeto “More Than a Vote” (Mais que um voto), que buscava enfatizar a importância do voto e incentivar os eleitores, especialmente os afro-americanos, a votarem nas eleições de 2020. James menciona, em dois momentos distintos, em duas entrevistas coletivas realizadas também em diferentes datas, as eleições e a questão do voto na comunidade negra. Na primeira entrevista, realizada em 24 de julho de 2020, o atleta faz referência à situação política dos Estados Unidos em uma única ocasião, quando faz um breve resgate histórico ao ano de 2016, no qual destaca que Obama ainda era o presidente e, em seguida, traça um paralelo com o panorama de momento, com Trump na presidência, reforçando a ideia de um retrocesso na sociedade norte-americana. Na entrevista do dia 3 de agosto de 2020, o debate em torno das questões sociais é trazido à tona a partir de uma pergunta sobre a filmagem da abordagem da polícia a George Floyd. Ao longo das perguntas, James aborda o tema de maneira mais objetiva.

Uma grande oportunidade se aproxima em novembro com as eleições, e todos nós temos uma oportunidade, se dizemos que queremos mudanças, temos que fazer as

mudanças. Eu penso que liderança é uma coisa muito dinâmica, e é fundamental para tudo nesse mundo. Não importa se você está falando de esportes, ou política, ou de uma casa e de administrar uma família, você precisa de uma liderança que você se sinta confiante. Então, eu penso que novembro será enorme e é por isso que eu comecei o *More Than a Vote*, para que as pessoas entendam que o voto delas conta, que as palavras delas estão sendo ouvidas (LeBron James, 3 de agosto de 2020).

A fala de James denota outro aspecto diretamente relacionado ao exercício do voto, sobre a representativa e sua importância para os processos de reforma institucional. Neste sentido e, segundo Almeida (2019, p.67), a representatividade diz respeito “à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia”. Apesar de fundamental no combate às desigualdades, ela não é suficiente para solucionar o caráter estrutural do racismo. Por outro lado, o estabelecimento de pessoas negras em posições de liderança política, como sugerem as declarações do jogador, se torna uma prática essencial para que a população possa alcançar níveis de representação através de processos democráticos organizados de maneira coletiva, como o voto. Ainda conforme afirma o autor, sobre um dos os efeito práticos da representatividade:

Propiciar a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas, especialmente quando a liderança conquistada for resultado de um projeto político coletivo; (ALMEIDA, 2019)

Na mesma resposta, James analisa possíveis motivações para baixos percentuais de votação entre a comunidade afro-americana, admitindo que ele próprio já se encontrou em algumas dessas situações, e elucidando as razões pelas quais acredita que a conscientização sobre a participação do eleitorado negro seja primordialmente relevante.

Supressão do eleitor, você sabe?! Você apenas se sente oprimido. Eles não acreditam que os votos deles contam, eles não acreditam que eles podem afetar na mudança, e isso é algo que eu cresci me sentindo da mesma forma. Eu nunca acreditei que em uma comunidade pequena, uma comunidade negra, que as pessoas realmente te escutam ou que você pode realmente ir votar e que seus votos contam. Então, eu estou apenas tentando educar não apenas as pessoas da minha comunidade, mas, você sabe, com a ajuda de tantos outros atletas e outras faces, estamos tentando educar pessoas de todo o mundo, inclusive aqui na América. (LeBron James, 3 de agosto de 2020)

Dessa forma, podemos afirmar que os atletas reconhecem a significância intrínseca de estimular a participação cívica e promover uma representatividade mais abrangente no âmbito político. A atuação no processo eleitoral não se limita à consolidação dos pilares democráticos, mas igualmente proporciona às vozes historicamente subalternizadas a oportunidade de

influenciar a formulação de políticas e diretrizes que orientam a sociedade. Através das respostas concedidas nas entrevistas, James e Brown evidenciam a capacidade de estabelecer um diálogo direto com a população negra, fomentando assim a participação ativa no processo eleitoral.

#### 4.8. PERSPECTIVAS COMPLEMENTARES NA ABORDAGEM DO PROBLEMA

Por todo o contexto apresentado anteriormente, torna-se óbvia a centralidade das questões sociais relacionadas à raça ao longo das entrevistas coletivas selecionadas como corpus de análise no presente trabalho. As questões mencionadas nos tópicos acima tratam-se de pontos que se repetiram com maior frequência nas declarações de LeBron James e Jaylen Brown. Por se tratarem de dois indivíduos singulares, em situações e ambientes distintos, que carregam suas próprias particularidades e são questionados sobre situações que contém especificidades, algumas abordagens de cada um dos jogadores em relação aos problemas decorrentes do racismo são igualmente diferentes.

Nesse sentido, dois pontos particulares se destacam. O primeiro diz respeito às considerações em relação à postura da polícia e a consequência das abordagens violentas na maneira como a população negra se relaciona com as autoridades nos Estados Unidos. Em suas entrevistas, James adota uma postura de críticas mais diretas à conduta dos oficiais, enquanto Brown menciona o mesmo tema de forma mais branda. A percepção em questão pode ser evidenciada através das entrevistas de James em 24 de julho de 2020 e de Brown em 28 de julho de 2020. Ambas as ocasiões marcaram as primeiras entrevistas coletivas realizadas após partidas pelos jogadores na bolha, e guardam semelhanças entre si.

Nas duas oportunidades, as questões sociais foram trazidas ao debate pelos próprios jogadores, antes mesmo das respostas às perguntas realizadas pelos representantes dos veículos de comunicação presentes. E a temática central foi o assassinato de Breonna Taylor, com os atletas realizando pedidos de justiça pela morte da mulher já nas primeiras falas. No decorrer das entrevistas, Brown menciona a palavra “police” (polícia) uma vez, ao mencionar o comportamento de pessoas que julgavam o acontecimento de forma natural. James, por outro lado, descreve as ações dos oficiais de maneira mais detalhada, questionando as ações do grupo, que invadiu a residência de Taylor em busca de evidências contra a jovem e seu ex-namorado, posteriormente efetuando disparos na direção de ambos.

Eu acredito que eles não estavam nem no lugar correto, certo? Os policiais não estavam nem no lugar certo, eles apenas derrubaram a porta errada e começaram a fazer o que fazem naquele momento, e isso é apenas atirar, e isso não está certo. (LeBron James, 24 de julho de 2020)

Na mesma fala, James volta a citar a conduta dos policiais ao descrever um vídeo onde um homem negro é posto sob custódia injustamente quando tentava comprar uma bicicleta em uma loja. Ao longo das outras duas entrevistas selecionadas, James menciona o tema novamente por três vezes. A primeira acontece na entrevista realizada em 3 de agosto de 2020, depois de uma partida entre Los Angeles Lakers e Utah Jazz, quando o jogador utilizou, durante o aquecimento para o jogo, uma camisa com os números “8:46”. A mensagem estampada fazia referência aos oito minutos e 46 segundos que o policial Derek Chauvin permaneceu ajoelhado sobre o pescoço de George Floyd, fato que causou sua morte<sup>49</sup>. Na pergunta inicial da coletiva, James é questionado sobre a utilização da camisa e a divulgação do vídeo das câmeras presentes nos uniformes dos policiais. Na resposta, James volta a apontar a problemática abordagem policial.

Você pensa sobre os oito minutos e 46 segundos, você sabe, um policial pressionando o joelho contra a garganta de alguém por todo esse tempo. Com vídeo ou sem vídeo, não importa, ninguém merece perder a vida quando tudo isso poderia ser evitado, pelo que eu vi e pelo que o mundo viu. Então, a camisa era sobre isso. (LeBron James, 3 de agosto de 2020)

A maior frequência de menções à polícia e a violência policial acontece na entrevista coletiva do dia 24 de agosto de 2020, logo após o incidente envolvendo Jacob Blake. James aborda o assunto em duas oportunidades, onde as respostas de duas perguntas da entrevista são inteiramente dedicadas à temática. Primeiro, o jogador é questionado sobre uma declaração de George Hill, então jogador do Milwaukee Bucks, sobre o caso de Blake. Depois de afirmar que não possuía opiniões sobre a fala de Hill, James desabafa sobre a conduta dos policiais no ocorrido.

Se você sentar aqui me dizendo que não havia outras formas de subjugar aquele cavalheiro, ou detê-lo, antes de disparar as armas, então você está mentindo não só para mim, você está mentindo para todos os afro-americanos, você está mentindo para todas as pessoas negras na comunidade, porque nós vimos várias vezes. Se você assistir ao vídeo, houveram vários momentos em que, se eles quisessem, poderiam ter derrubado ele, poderiam ter agarrado ele, você sabe que eles poderiam ter feito isso. Por que sempre tem que chegar em um ponto onde vemos armas sendo disparadas? E a família

---

<sup>49</sup> Disponível em:

<https://www.si.com/nba/lakers/news/lebron-james-wore-a-t-shirt-that-says-8-46-to-honor-george-floyd>



dele está lá, os filhos dele estão lá, e acontece em plena luz do dia. E quem sabe, se não estivesse sendo filmado pela pessoa do outro lado da rua, nós ao menos sabemos se teríamos visto aquele vídeo? Existem rumores de que os policiais não estavam com a câmera de suas fardas ligadas, é uma possibilidade. (LeBron James, 3 de agosto de 2020)

A fala evidencia o descontentamento do jogador com a maneira com que a situação foi conduzida pelas forças policiais, denunciando a gravidade de um problema recorrente na sociedade estadunidense. Após a crítica direcionada especificamente ao episódio de Blake, James debate a questão de em um aspecto mais amplo, adentrando também no contexto de como a população afro-americana enxerga a polícia de maneira geral.

Nós estamos assustados. Como pessoas negras na América, homens negros, mulheres negras, crianças negras... nós estamos apavorados porque, você não sabe, você não tem ideia de como aquele policial saiu de casa naquele dia. Você não sabe se ele acordou do lado certo da cama, você não sabe se ele acordou do lado errado da cama, você não sabe se ele teve uma discussão em casa, com alguém importante, você não sabe se algum dos filhos dele falou alguma coisa maluca e ele saiu de casa fumegando, ou talvez ele apenas saiu de casa e disse 'hoje vai ser o fim para uma daquelas pessoas negras'. É isso o que parece. E isso dói. (LeBron James, 3 de agosto de 2020)

James aponta, através das críticas, a preocupação majoritária de cidadãos negros nos Estados Unidos, especialmente, no contexto de momento, com o país sob a administração do presidente Donald Trump. Não foi possível encontrar estudos conclusivos sobre casos de violência policial no período, mas, como é possível observar através da pesquisa conduzida por McManus, Cullen, Johnson, Burton e Burton Jr. (2019), Trump demonstrou preferência pela instituição de políticas que visavam garantir ainda mais autoridade e discricção à polícia. Os autores mostram que, declarações e atitudes do então presidente, como a de perdoar publicamente o xerife Joe Arpaio, envolvido em diversos casos de perfilamento racial, afetaram ainda mais a relação entre a população afro-americana e a polícia. Segundo McManus, Cullen, Johnson, Burton e Burton Jr. (2019, p. 1053), 71,2% dos entrevistados confessaram o temor de que mais pessoas negras seriam detidas e mantidas na prisão durante o mandato de Trump, enquanto 67% acreditavam que eles próprios ou um membro da família seria vítima de violência policial, e 70,6% acreditavam que os casos de pessoas negras desarmadas baleadas por policiais aumentaria. Vale ressaltar que todos os entrevistados eram cidadãos afro-americanos.

Ainda na entrevista de 24 de agosto de 2020, James volta a mencionar o assunto em sua resposta final. Perguntado sobre as mudanças práticas que gostaria de ver em relação à reforma política e à polícia, o atleta questiona o tempo de formação nas academias policiais

norte-americanas, e destaca o problema das armas de fogo no país. Depois, utiliza sua própria trajetória de vida como exemplo ao reforçar que mesmo a relação das crianças negras com a polícia tornou-se insustentável.

Brown, por outro lado, escolhe perspectivas diferentes para abordar o problema do racismo e suas consequências para a população do país. Em todas as entrevistas selecionadas, o jogador menciona a polícia em duas oportunidades. Como efeito de comparação, ele recorre, por sete vezes, a temáticas de caráter mais estrutural, como o racismo sistêmico, e as injustiças sociais historicamente enraizadas na sociedade estadunidense. A primeira ocorrência acontece na entrevista realizada em 28 de julho de 2020, e se mistura com uma declaração sobre a importância do voto na comunidade negra.

Nós temos que tirar do escritório alguns desses caras que não ligam, que acham que não é apropriado o fato de estarmos tentando acabar com o racismo sistêmico. Então, eu quero fazer do voto uma tendência, eu quero aproveitar minha plataforma, eu quero que os atletas se reúnam e continuem falando sobre isso enquanto estivermos aqui. Eu entendo a apreensão das pessoas na comunidade afro-americana. Políticos fizeram promessas vazias por muito tempo. Você sabe como as pessoas se sentem: ‘por que eu vou participar de um sistema que não necessariamente participou junto comigo?’, mas, eu acredito em pequenas vitórias e colocar as pessoas certas nos escritórios é grande parte disso. (Jaylen Brown,, 28 de julho de 2020)

A fala de Brown também se torna marcante por constituir a única ocasião onde o termo “racismo” é citado por um dos jogadores, e é acompanhado da estratégia evidenciada pelo atleta no combate às práticas discriminatórias. No fim da mesma entrevista, Brown é perguntado sobre seu histórico de interesse nas problemáticas raciais do país, oferecendo na resposta uma visão elucidadora sobre as questões raciais intrínsecas em todo o processo de formação dos Estados Unidos como um país independente.

Existem problemas nesse país que estão sendo deixados de lado. A maneira como essa América foi projetada, não foi projetada para ser inclusiva, foi projetada para um grupo específico de pessoas. Eu sei que dizer isso ‘meio’ que deixa as pessoas desconfortáveis mas não é difícil acreditar nisso. Se você rebobinar cem anos atrás, não, menos de cem anos, era ilegal que alguém que se parecia comigo pudesse ler e escrever, era ilegal para alguém que se parecia comigo estar em alguns lugares depois das 18, e isso há menos de 70 anos atrás, certo? Então agora, se você avançar um pouco, não é difícil acreditar que ainda existem efeitos sistêmicos que vieram à tona, de como esse país foi projetado. Então, eu acredito na reforma, eu acredito que temos que fazer mudanças políticas, e eu não quero que a história repita ela mesma, e é assim que as coisas são. Então, eu quero continuar usando minha plataforma, eu sou só uma pessoa, mas eu quero continuar usando minha plataforma para inspirar os outros a tomar as decisões corretas e tratar uns aos outros com igualdade. E, quando eu digo igualdade, não quero dizer de uma forma

pacífica, mas de uma forma realmente signifique igualdade. (Jaylen Brown, 28 de julho de 2020)

Na fala mencionada acima, Brown tece uma síntese clara sobre aspectos que definem o racismo, que, como define Almeida (2019, p. 24), não se trata de atitudes discriminatórias isoladas, “mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas”. O autor explica que os processos em questão envolvem a segregação racial, citada pelo jogador. O assunto volta a aparecer na entrevista realizada em 17 de setembro de 2020, quando, perguntado sobre a indenização recebida pela família de Breonna Taylor, Brown discorre sobre os diversos aspectos envolvidos nos casos de violência policial.

Eu penso que o caso de Breonna Taylor representa não apenas ela e sua família, mas outras pessoas que se sentiram vítimas desse tipo de sistema, que foi orquestrado para manter pessoas negras oprimidas. (Jaylen Brown, 17 de setembro de 2020)

Em um momento distinto da mesma resposta, Brown complementa o raciocínio questionando a utilização da palavra “reform” (reforma).

Eu penso que, você sabe, recriar, dismantelar, e coisas assim, são as palavras que talvez devêssemos usar, porque é óbvio que o incrementalismo desse sistema está apenas nos guiando ao longo do caminho. Ano após ano após ano, a reforma tem sido o tópico das conversas, e algumas das mesmas coisas tem acontecido. Pessoas negras continuam sendo assassinadas em suas casas, em seus quintais e na parte de fora de lugares que elas passam o tempo, e reforma não é a palavra. Então, precisamos encontrar uma palavra nova. (Jaylen Brown, 17 de setembro de 2020)

O panorama descrito pelo jogador demonstra a intenção do combate ao comportamento da polícia em si, mas a uma lógica de criminalização do corpo negro, que foi construída ao longo de um período histórico. Esse mesmo raciocínio é retomado por Brown na entrevista coletiva de 24 de setembro de 2020, quando é perguntado sobre o resultado do julgamento dos policiais que participaram do assassinato de Taylor, em que nenhum dos oficiais foi condenado pelo júri, decisão que foi alterada apenas dois anos depois<sup>50</sup>. Na declaração, o atleta menciona também a polícia, ao colocar em dúvida o lema “protect and serve” (proteger e servir), uma espécie de slogan das forças policiais norte-americanas.

---

<sup>50</sup> Disponível em:  
<https://www.justice.gov/opa/pr/current-and-former-louisville-kentucky-police-officers-charged-federal-crimes-related-death>

Essa sociedade, a forma como ela foi construída, você sabe, construída de uma maneira em que as intenções nunca foram proteger e servir pessoas de cor em primeiro lugar. Então, quando eles estavam se preparando para o que estava prestes a acontecer, eu sabia que a decisão errada provavelmente estava sendo tomada, mas não me surpreende, não me surpreende em nada. Até desmantelarmos, recriarmos ou mudarmos esse sistema que temos, continuarão existindo vítimas como Breonna Taylor, e outras que são vítimas da opressão. (Jaylen Brown, 24 de setembro de 2020)

Quando analisamos as falas de Brown, torna-se evidente o entendimento do jogador sobre os processos institucionais que constituem o racismo nos Estados Unidos, assim como todas as construções históricas de uma sociedade em que a desigualdade se constituiu como parte fundamental do sistema político. Segundo Almeida (2019, p. 109), “a ordem produzida pelo racismo não afeta apenas a sociedade em suas relações exteriores – como no caso da colonização –, mas atinge, sobretudo, a sua configuração interna, estipulando padrões hierárquicos, naturalizando formas históricas de dominação e justificando a intervenção estatal sobre grupos sociais discriminados”.

Deste modo, é possível estabelecer a premissa de que as diferentes perspectivas enunciadas por LeBron James e Jaylen Brown não manifestam caráter excludente, mas sim podem ser interpretadas como abordagens complementares. Estabelece-se, portanto, uma correlação entre causa e consequência do racismo estrutural no contexto norte-americano. Observa-se, por conseguinte, que ambas as temáticas apresentadas ao longo do capítulo emergem como elementos de significância primordial no discurso ativista dos atletas, destacando, em suas particularidades, aspectos de proeminência central na problemática em consideração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender e analisar o conteúdo das declarações de LeBron James e Jaylen Brown, jogadores profissionais da National Basketball Association (NBA), liga de basquete mais prestigiada do mundo, sobre problemáticas de caráter social, em especial as relacionadas ao racismo e suas consequências, como a violência policial, fortemente presente no contexto dos Estados Unidos. Mais especificamente, a pesquisa utilizou como base para a análise seis entrevistas coletivas realizadas entre os meses de julho e setembro de 2020, período em que as atividades esportivas da NBA foram retomadas, após a paralisação causada pela escalada da pandemia do Covid-19.

O intervalo temporal adotado torna-se relevante também pela ascensão das manifestações do movimento social Black Lives Matter, como consequência das diversas ocorrências de casos de violência policial contra cidadãos afro-americanos, que foram alvo de grande repercussão mundial, como o assassinato de George Floyd e Breonna Taylor, e os disparos contra Jacob Blake. Dessa forma, a escolha da metodologia levou em consideração as temáticas frequentemente abordadas nos protestos e no debate sobre as desigualdades sociais que permeiam o problema central do trabalho, visando a quantificação dos assuntos que se repetiam nos discursos dos jogadores e a importância das mesmas no combate ao racismo. Assim, também foi possível evidenciar questões distintas, porém, igualmente relevantes nas abordagens individuais realizadas por cada atleta.

Assim, a pesquisa buscou, em sua fase inicial, contextualizar o histórico de discriminação racial e as lutas pela igualdade na sociedade norte-americana. Nesse sentido, os estudos de Clayton (2018) tornaram-se fundamentais para compreender os progressos conquistados e as demandas dos dois principais movimentos sociais raciais do país, o Civil Rights Movement e o Black Lives Matter, tal qual o percurso de tempo, as motivações envolvidas na criação de cada um e suas formas de atuação, considerando questões fundamentais como o advento das redes sociais digitais e a facilidade de acesso à informação. Pudemos observar as semelhanças e diferenças entre o Civil Rights Movement e o Black Lives Matter, e a trajetória que levou ao estabelecimento do Black Lives Matter como maior movimento organizado contrário às injustiças e ao preconceito racial na atualidade.

Também foi apresentado o cenário do ativismo no esporte, demonstrando a relação muitas vezes conflituosa entre atletas e federações ou associações, responsáveis pela realização dos maiores eventos de esporte organizado do mundo. Através dos exemplos mencionados no capítulo, foi possível compreender a tendência da inviabilização das manifestações políticas em palcos de grande visibilidade como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol. Esse movimento tornou-se ainda mais perceptível a partir da consolidação do capitalismo como sistema ideológico dominante na sociedade, potencializado ainda pela ascensão do neoliberalismo. Atletas que se arriscaram na esfera do ativismo, especialmente no século passado, foram obrigados a lidar com punições que afetaram diretamente suas carreiras no esporte, segmento que naturalmente possui um tempo de atividade profissional reduzido por conta da dependência quase completa dos aspectos físicos que, por razões biológicas inerentes ao corpo humano, se deterioram com o passar dos anos. Apesar da postura desencorajadora das instituições esportivas em relação ao debate político, pudemos perceber casos como de Muhhamad Ali, Colin Kaepernick, entre outros atletas que, mesmo sofrendo punições ou boicotes que lhes roubaram o auge de suas carreiras esportivas, se posicionaram de maneira firme diante das injustiças que ultrapassam as linhas da prática esportiva.

Esse aspecto pode ser igualmente observado dentro da NBA. A partir dos estudos de Williams (2021), traçamos um paralelo entre o contexto histórico do ativismo por parte dos jogadores da liga e da própria sociedade norte-americana. O processo de criação do Civil Right Movements, seguido por anos mais tímidos em relação à participação popular na luta pelos direitos sociais e, posteriormente, pela criação do Black Lives Matter e o retorno das manifestações em massa contra o racismo, foi refletido no espectro do basquete profissional norte-americano. Atletas contemporâneos aos Civil Right Movements como Bill Russell e Wilt Chamberlain participaram ativamente dos esforços pelo fim da segregação racial e pela inclusão dos direitos da população afro-americana. A partir da década de 1970, o discurso político dos jogadores se tornou mais raro, em um período de predominância da lógica mercadológica que afetava também os esportes, ao passo em que a NBA se tornava uma associação cada vez mais forte no aspecto financeiro. Depois de 2010, assim como aconteceu nas ruas do país, o debate e os protestos voltaram à tona.

Aqui, estudamos um outro ponto importante da relação entre associação e ativismo dos jogadores. Como detalhado no capítulo 3.3, a luta pelos direitos de grupos historicamente oprimidos alcançou novas perspectivas com o avanço das redes sociais. Através da internet, esses grupos passaram a encontrar maior facilidade em se reunir, independentemente das limitações geográficas. Esse fenômeno deu origem a um novo tipo de consumidor, que passou a exigir que marcas dos mais diferentes segmentos do mercado se posicionassem diante das injustiças, demonstrando de maneira objetiva o apoio às minorias. Naturalizou-se, assim, a expectativa de marcas engajadas nas pautas sociais. Seguindo as lógicas mercadológicas, visando proteger os lucros e evitar a difamação de suas imagens, diversas marcas adotaram a postura “progressista”. Como um mercado que movimenta bilhões de dólares anualmente, a NBA naturalmente seguiu o mesmo caminho. Com o passar dos anos, a liga se tornou mais aberta às manifestações de jogadores, porém, sempre mantendo ressalvas que possam resguardar sua posição de neutralidade em relação a patrocinadores e donos das franquias.

Por outro lado, o empoderamento dos jogadores também cresceu, e os atletas passaram a se organizar, coletivamente, para que o direito de expressarem suas indignações em relação às políticas públicas nos Estados Unidos fosse garantido. Mais que isso, essa organização fez com que os jogadores protagonizassem um marco no histórico do ativismo na liga, exigindo seus lugares de fala nas discussões sobre os passos da liga na direção de uma sociedade mais inclusiva. O exemplo mais nítido foi o do boicote organizado pelos jogadores do Milwaukee Bucks após o caso de Jacob Blake. Os atletas se recusaram a jogar até que a NBA elaborasse um plano de ações que almejassem mudanças institucionais práticas na realidade do país, exigindo ainda participação nesse processo. Todos os times se juntaram à causa, e a iniciativa se tornou um sucesso.

Nesse sentido, a escolha dos jogadores selecionados para essa pesquisa partiu de uma série de aspectos particulares que, depois, se tornaram fundamentados em pilares lógicos. O primeiro foi LeBron James. Desde 2003, ano em que assinou seu primeiro contrato profissional na NBA, James se tornou um ícone do basquete. Atualmente, é tido como um dos melhores jogadores da história do esporte. Além disso, se tornou um símbolo cultural que transcende o esporte, dono de projeção midiática imensurável. No campo do ativismo, suas contribuições são igualmente notáveis, visto que se estabeleceu como uma liderança vocal da liga nos debates

sobre o racismo e todas as questões que o cercam. O segundo jogador foi Jaylen Brown. Entre as principais motivações para a sua escolha, estão o histórico de interesse em questões sociais e a própria trajetória na liga, tendo se tornado o vice-presidente mais jovem do sindicato dos jogadores.

No processo de escolha do material, prezou-se pela homogeneidade do formato das entrevistas. Todas foram realizadas minutos depois de partidas que envolveram as equipes defendidas pelos dois jogadores, com a presença de representantes de diversos veículos de comunicação, sendo alguns presencialmente e outros de maneira remota, devido às restrições impostas pela pandemia da Covid-19. Neste contexto, percebeu-se que em quatro das seis entrevistas coletivas analisadas, o debate sobre as temáticas sociais ocupou grande parte do tempo total da entrevista, enquanto as falas sobre os jogos e outras questões relacionadas diretamente à prática do basquete aconteceram brevemente, ou nem mesmo foram mencionadas.

A análise sobre as temáticas abordadas pelos jogadores foi centrada em três principais pontos: 1) Formação como homens negros e consciência de classe; 2) Incentivo ao voto como ação transformadora e representatividade e 3) perspectivas complementares na abordagem do problema. O primeiro tópico trata da afirmação da identidade dos atletas como homens negros. Nele, James e Brown demonstram que, mesmo tendo alcançado um patamar financeiro amplamente superior ao da maioria da população, continuam cumprindo o papel de representar a comunidade afro-americana em um espaço de grande visibilidade, capaz de repercutir as reivindicações de um grupo historicamente silenciado. Neste contexto, podemos compreender a importância desse processo ao levarmos em consideração a definição de Almeida (2019) sobre representatividade, que fala sobre a participação de pessoas negras em espaços de prestígio social. As declarações dos jogadores elucidam a consciência dos mesmos sobre o espaço que ocupam como jogadores da NBA, frequentemente vistos como exemplos de pessoas bem sucedidas por toda a ascensão conquistada a partir do sucesso dentro das quadras. James e Brown mencionam, diversas vezes, a intenção de utilizar a plataforma midiática da liga como uma forma de potencializar as manifestações e preocupações da população afro-americana em relação às injustiças sociais presentes na sociedade.



Essa plataforma também é usada para viabilizar a prática dialógica entre os jogadores e a comunidade afro-americana, e é isso que podemos observar no segundo tópico. No contexto cronológico de realização das entrevistas, situado nos meses anteriores ao pleito presidencial de 2020 nos Estados Unidos, ambos os jogadores ressaltam, insistentemente, a relevância do ato de votar. Esse destaque é direcionado, principalmente, à população negra do país, com o objetivo de alçar a posições de poder indivíduos mais capacitados e sensibilizados às questões raciais. Ademais, o voto também é encarado como uma via para assegurar a concretização das exigências que estão sendo articuladas diariamente pelas minorias oprimidas. Nas repetidas vezes em que exploram o tema, os atletas buscam evidenciar a correlação intrínseca entre o exercício da cidadania e a possibilidade de realização de transformações práticas nas instituições políticas que vigoram na sociedade estadunidense.

Por fim, o terceiro tópico se propõe a esclarecer as diferenças discursivas entre as falas dos jogadores. O principal ponto salientado consiste nas visões que cada jogador procurou enfatizar em suas respostas. Quando nos atentamos apenas a um jogador, tais visões se repetem em diferentes momentos e em diferentes entrevistas, enquanto são raramente mencionadas pelo outro. Nesse sentido, as temáticas identificadas foram as questões de caráter estrutural, como o racismo sistêmico, abordadas de maneira recorrente por Brown, e a problemática da violência na abordagem policial, constantemente invocada por James. A situação descrita acima manifesta-se inclusive quando os atletas estão debatendo assuntos similares, a exemplo do trágico assassinato de Breonna Taylor pela polícia. Brown opta por uma análise crítica do processo de constituição dos Estados Unidos como nação, mencionando questões enraizadas na sociedade norte-americana que desencadearam e, continuam a nutrir, desigualdades que afetam os cidadãos afro-americanos. James, por sua vez, destaca a agressividade demonstrada pelas forças policiais nas interações com a comunidade afro-americana, consequência das estruturas subjacentes que perpetuam o racismo neste contexto. A partir das respostas, é possível perceber que as perspectivas se complementam, e elucidam pontos de magnitude crucial no cerne do debate.

Dessa forma, consideramos que este trabalho foi capaz de compreender as estratégias discursivas adotadas pelos jogadores no decorrer de discussões fundamentais sobre raça e desigualdade no cenário estadunidense. Através do tempo dedicado, em cada entrevista coletiva, às temáticas citadas anteriormente, tanto James quanto Brown obtiveram êxito ao expressar suas

concepções acerca dessa problemática. Ademais, esses jogadores conseguiram reverberar os protestos da comunidade afro-americana em um espaço que atrai significativa atenção midiática, e estabeleceram uma interlocução direta com os espectadores, direcionadas à materialização de mudanças no contexto da política institucional do país. Os jogadores incentivam ainda seus companheiros de profissão a se mobilizarem de forma coletiva em prol do objetivo central, estabelecendo práticas ativistas que carregam o potencial de abrir portas para futuras manifestações vindas de outros atletas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019.

ARMSTRONG, Chiara. **Black Lives Matter**. The NBA Strike & Its Effect. University Honours Program, Loyola Marymount University, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4ª ed, Lisboa: Edições 70, 1979.

BROWN, Kenon A.; LEWIS, Nicky; BARNIDGE, Matthew e BOMAN, Courtney D. **Black Lives Matter to the NBA: The Impact of Sport Fanship and Political Affiliation on the Perception of the NBA's Racial Justice Initiatives During the 2020 Playoff Bubble**. International Journal of Sport Communication, Human Kinetics, dezembro de 2022. Disponível em: <<https://journals.humankinetics.com/view/journals/ijsc/16/2/article-p121.xml>> Acesso em: 23/03/2023

CLAYTON, Dewey M. **Black Lives Matter and the Civil Rights Movement: A Comparative Analysis of Two Social Movements in the United States**. Journal of Black Studies, University of Louisville, Kentucky, 2018.

COAKLEY, Jay. **IDEOLOGY DOESN'T JUST HAPPEN: SPORTS AND NEOLIBERALISM**. Journal of ALESDE, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 67-84, setembro de 2011. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/328075295.pdf>>

COOMBS, Danielle Sarver e CASSILO, David. Athletes and/or Activists: **LeBron James and Black Lives Matter**. Journal of Sport and Social Issues, Vol. 41(5), Kent State University, Ohio, 2017.

EVANS, Adam B.; AGERGAARD, Sine; CAMPBELL, Paul Ian; HYLTON, Kevin e LENNEIS, Verena. **Sport, race and ethnicity in the wake of black lives matter**: introduction to the special

issue. *European Journal for Sport and Society*, 18:3, 187-191, DOI: 10.1080/16138171.2021.1966283

JACOB, Frank. **Sports and Politics: Commodification, Capitalist Exploitation, and Political Agency**. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2020.

LASLEY, J. R. **Policing and Society: An International Journal of Research and Policy**. 3:4, 245-255, DOI: 10.1080/10439463.1994.9964673, Phoenix, Arizona, 2010.

MCMANUS, Hannah D.; CULLEN, Francis T.; JOHNSON, Cheryl Lero; BURTON, Alexander L. e JR., Velmer S. Burton. **Will Black Lives Matter to the Police? African Americans' Concerns about Trump's Presidency**. *Victims & Offenders*, 14:8, 1040-1062, DOI: 10.1080/15564886.2019.1671288, outubro de 2019.

SAMPAIO, Rafael Cardoso e LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública (Enap), 2021.

SANTOS, Agnes Ramos Dos. **Ativismo de marca: análise crítica sobre influências, usos e percepções dos profissionais da indústria criativa na produção de campanhas publicitárias**. Dissertação de Mestrado (Mestre Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Fundação Getúlio Vargas (FVG), Rio de Janeiro, 2019.

VREDENBURG, Jessica; SPRY, Amanda; KEMPER, Joya e KAPITAN, Sommer. **Athlete activism or corporate woke washing? Getting it right in the age of Black Lives Matter is a tough game**. *The Conversation*. Disponível em:

<<https://theconversation.com/athlete-activism-or-corporate-woke-washing-getting-it-right-in-the-age-of-black-lives-matter-is-a-tough-game-146301>> Acesso em: 11/05/2023

WILLIAMS, Lamont A. **The Heritage Strikes Back: Athlete Activism, Black Lives Matter, and The Iconic Fifth Wave of Activism in the (W)NBA Bubble**. *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies Journal*, v. 22, 2022. Disponível em <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/15327086211049718>>

ZIRIN, Dave. **The Kaepernick Effect: Taking a knee, changing the world**. New York: The New Press, 2021.

ENTREVISTAS ANALISADAS:

LeBron James on Justice for Breonna Taylor, Race in America | Lakers Postgame. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Los Angeles Lakers. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zKj4VszEM9E>. Acesso em: 25/05/2023

Lakers Postgame: LeBron James (8/3/20). [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (9:02 min). Publicado pelo canal Los Angeles Lakers. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iJZqbWmQShI>. Acesso em: 25/05/2023

LeBron James: Black Community "Terrified of Police" in America. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (16:55 min). Publicado pelo canal CLNS Media Boston Sports Network. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qsF2C9M9W8M>. Acesso em: 25/05/2023

Jaylen Brown on Black Lives Matter and Breonna Taylor (WED Presser). [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (11:59 min). Publicado pelo canal CLNS Media Boston Sports Network. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0WVrZH8RES0>. Acesso em: 25/05/2023

Jaylen Brown Practice Interview | Breonna Taylor Reaction + Celtics vs Heat | Game 2 East Finals. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (9:47 min). Publicado pelo canal CLNS Media Boston Sports Network. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A1bIJSCWW2c>. Acesso em: 25/05/2023

Jaylen Brown Postgame Interview | Breonna Taylor Jury Decision Reaction | Celtics vs Heat Game 4. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (9:47 min). Publicado pelo canal CLNS Media Boston Sports Network. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8w6nOwqpgQ>. Acesso em: 25/05/2023